

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**LEÔNIDAS RAMOS GHELLI**

**A INFLUÊNCIA DA APOCALÍPTICA  
NA FORMAÇÃO TARDIA DOS LIVROS  
DE OSÉIAS E AMÓS**

São Leopoldo

2013

LEÔNIDAS RAMOS GHELLI

A INFLUÊNCIA DA APOCALÍPTICA  
NA FORMAÇÃO TARDIA DOS LIVROS  
DE OSÉIAS E AMÓS

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Carlos Arthur Dreher

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G412i Ghelli, Leônidas Ramos  
A influência da apocalíptica na formação tardia dos livros de Oséias e Amós / Leônidas Ramos Ghelli; orientador Carlos Arthur Dreher. – São Leopoldo: EST/PPG, 2013.  
59 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Bíblia A.T. Oséias – Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia A.T. Amós – Crítica, interpretação, etc. 3. Apocalíptica. 4. Profetismo. I. Dreher, Carlos Arthur. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Em memória de meu pai,  
Italo Ghelli

“A escatologia profética se transforma em apocalíptica no momento em que se renuncia à tarefa de traduzir a visão cósmica para as categorias da realidade do mundo” (Paul D. Hanson)

## **Agradecimentos**

Agradeço a YHWH pela possibilidade de, realizando um trabalho como este, me sentir participante dos textos de seus profetas Oséias e Amós;

Agradeço à minha esposa, pastora Glízia, pela compreensão em minhas ausências. Também aos meus filhos, Gamaliel e Mariana: sou grato a vocês por todo carinho;

Agradeço ao pastor Uelton Aguiar Ricardo, colega na jornada teológica, pelos momentos de companhia na vida e nas viagens a São Leopoldo;

Agradeço ao Seminário Teológico Evangélico do Brasil – STEB – por ter me concedido bolsa integral e assim possibilitar que eu realizasse esta pós-graduação;

Agradeço aos professores e professoras do curso de Pós-graduação da Escola Superior de Teologia pelos novos horizontes teológicos. Especialmente sou grato ao professor Carlos Dreher pela orientação e generosidade com que acolheu a mim e a meu trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho é uma dissertação sobre literatura antiga, especialmente a profecia clássica e a apocalíptica, e investiga os textos dos profetas Oséias e Amós. Nossa suspeita é que existam nestes livros textos de natureza apocalíptica. Para demonstrar isso, organizamos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos as características da profecia clássica e da apocalíptica. Comparamos a profecia clássica com sua antecessora, a profecia oral, para, a partir daí, estabelecer suas características. Em seguida, analisamos a apocalíptica enquanto herdeira da profecia e da sabedoria demonstrando sua origem e peculiaridades. No segundo capítulo demonstramos o processo de fixação das profecias de Oséias e Amós. É sabido que os textos dos profetas passaram por um longo processo de desenvolvimento textual, no qual, camadas literárias foram agregadas e amalgamadas para explicar, orientar cronologicamente, unir ou separar perícopes e para atualizar liturgicamente. Analisamos os estágios de formação do texto que vão desde a proclamação oral da profecia até a sua redação final na qual suspeitamos terem sido inseridos textos apocalípticos. No terceiro e último capítulo separamos para análise e argumentação alguns textos dos livros de Oséias e Amós que julgamos possuir características apocalípticas. São ao todo doze citações. Os textos com características apocalípticas, no entanto, não passam de motivos apocalípticos, fragmentos da literatura, são, portanto, poucos e pequenos. Nosso objetivo é apontar para a existência desses textos percebendo a influência que a apocalíptica exerceu na formação tardia dos livros de Oséias e Amós.

Palavras-chave: Oséias, Amós, profecia, apocalíptica, influência.

## **Abstract**

This work is a dissertation on ancient literature, especially classical and apocalyptic prophecy, and investigates the texts of the prophets Hosea and Amos. Its hypothesis is that these texts are apocalyptic in nature. To demonstrate this, the paper is organized into three chapters. In the first chapter the characteristics of classical prophecy and apocalyptic literature are presented. It compares classical prophecy with its predecessor, oral prophecy, in order to establish its characteristics. Then apocalyptic literature is examined as the heir of both prophetic and wisdom literature, demonstrating its origin and peculiarities. In the second chapter it demonstrates the process followed in putting in final form the prophecies of Hosea and Amos. It is known that the texts of the prophets went through a long process of textual development, in which literary layers were aggregated and merged to explain, guide chronologically, unite or separate pericopes and update them liturgically. The stages of the text's development are analyzed, ranging from the oral proclamation of the prophecy until its final version in which apocalyptic passages have apparently been inserted. In the third and final chapter some passages of the books of Hosea and Amos that seem to have apocalyptic characteristics are identified for analysis and argumentation. Altogether we examine twelve citations. There are only a few, short passages with apocalyptic features, motifs and fragments. The goal of this paper is to point to the existence of these texts in order to highlight the apocalyptic influence exerted on the books of Hosea and Amos.

**Keywords:** Hosea, Amos, prophecy, apocalyptic, influence.



## Sumário

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>6</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>7</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>8</b>
<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 CARACTERÍSTICAS DA PROFECIA CLÁSSICA E DA APOCALÍPTICA</b> .....	<b>13</b>
1.1 A natureza da profecia clássica .....	<b>13</b>
1.2 A natureza da apocalíptica .....	<b>16</b>
<b>2 FORMAÇÃO DOS TEXTOS EM OSÉIAS E AMÓS</b> .....	<b>21</b>
2.1 Primeira etapa da formação dos textos – A forma oracular .....	<b>22</b>
2.2 Segunda etapa da formação dos textos – O início da redação .....	<b>24</b>
2.3 Terceira etapa da formação dos textos – A adaptação para a comunidade judaíta .....	<b>27</b>
2.4 Quarta etapa da formação dos textos – “A redação deuteronomista” (Ciclos palestinosenses do período do exílio) .....	<b>31</b>
2.5 Quinta etapa da formação dos textos – A redação final, escatologia da salvação e influência apocalíptica .....	<b>35</b>
2.6 Retrospectiva.....	<b>38</b>
<b>3 TEXTOS APOCALÍPTICOS</b> .....	<b>39</b>
3.1 Textos apocalípticos em Oséias .....	<b>39</b>
3.1.1 O dia de Jezrael.....	<b>39</b>
3.1.2 Fim dos dias .....	<b>41</b>
3.1.3 A lua nova lhes devorará os campos .....	<b>42</b>
3.1.4 Onde está, ó Xeol, o teu flagelo? .....	<b>44</b>
3.2 Textos apocalípticos em Amós .....	<b>46</b>
3.2.1 Secará o cimo do Carmelo.....	<b>46</b>
3.2.2 Prepara-te, ó Israel .....	<b>47</b>
3.2.3 Ele que faz as Plêiades e o Órion .....	<b>48</b>
3.2.4 O dia de YHWH .....	<b>50</b>
3.2.4.1 O conceito do “dia de YHWH” no período anterior ao exílio Assírio-Babilônico .....	<b>50</b>

3.2.4.2 O conceito do “dia de YHWH” durante o Exílio Babilônico .....	50
3.2.4.3 O conceito do “dia de YHWH” no período pós-exílico .....	51
3.2.4.4 Resumo sobre os conceitos do “dia de YHWH” .....	51
3.2.5 YHWH que toca a terra e faz o céu.....	52
3.2.6 YHWH restaura o reino davídico.....	53
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe examinar alguns textos dos livros de Oséias e Amós. Estes dois profetas exerceram seus ministérios proféticos no VIII séc. a.C. no reino de Israel/Norte, durante o reinado de Jeroboão II e seus sucessores. Os livros que levam os nomes desses dois profetas são classificados como profetas clássicos. No entanto, sabemos que entre as palavras proclamadas pelos profetas e a redação final do livro há um longo caminho no qual foram desenvolvidas releituras e camadas literárias diversas.

Nossa tese passa, então, pela suspeita de que uma dessas camadas literárias seja a apocalíptica. Acreditamos que existam textos nos livros de Oséias e Amós que são da tradição apocalíptica tardia e que foram ali inseridos para aproximar esses dois livros de leitores mais recentes. A esse processo de influência tardia chamamos de retro-influência, isto porque a literatura apocalíptica foi amplamente influenciada pela profecia e pela sabedoria. Alguns autores debatem a origem da apocalíptica, demonstrando que ela nasceu da profecia ou da sabedoria. Supomos que ela tenha recebido influência de ambas. No auge da apocalíptica seria natural que esta passasse a exercer influência retroativa em suas origens, ou mesmo, que surgissem embrionariamente motivos apocalípticos na literatura profética e sapiencial.

Procuramos demonstrar isso especialmente nos dois últimos capítulos. O primeiro capítulo está dedicado à conceituação das duas formas literárias mais importantes para esse trabalho: o fenômeno literário da profecia clássica e a apocalíptica. Nossa conceituação é bastante ampla e até mesmo generalista. Procuramos nesse primeiro capítulo, então, diferenciar a profecia clássica em relação ao fenômeno profético anterior, o nebiísmo, para que ficasse evidente o surgimento do fenômeno em si. Já a apocalíptica procuramos diferenciá-la especialmente do profetismo clássico, sem nos esquecer de trabalhar parcamente com a literatura sapiencial. Nos utilizamos da diferenciação para que fique clara a distinção dos fenômenos, o que não significa que, em tendo necessidade, também nos apropriemos das semelhanças para demonstrar a origem da apocalíptica na profecia e na sabedoria, bem como, da origem da profecia clássica no nebiísmo.

No segundo capítulo, trabalhamos a formação do texto propriamente dito. Procuramos demonstrar como os textos dos livros de Oséias e Amós passaram por várias etapas de composição. Trabalhamos com a hipótese de que sejam cinco etapas. A primeira etapa é a fase oracular. Nesta fase não temos ainda o texto, mas a pregação e a transmissão oral das palavras. É o momento em que o profeta está proclamando os oráculos de YHWH. A segunda etapa é o início da redação. Nesse momento as pregações de Oséias e Amós se tornam memoriais e panfletos e começam a ser colecionados e difundidos pelos discípulos. A terceira etapa é a adaptação judaíta. Após a capitulação de Samaria para os Assírios, os textos das tradições de Israel foram levados para Judá. Ali os textos sofreram uma releitura para o contexto judaíta, a fim de serem incorporados como parte da tradição do Sul. A quarta etapa é a redação deuteronomista. Esta ocorreu durante o reinado de Josias e no exílio judaíta em Babilônia e procurou, especialmente, justificar os dois exílios como consequência da idolatria de Israel e Judá. Por fim, a quinta etapa é a influência da escatologia da salvação e a apocalíptica. Nesta etapa surgiram embrionariamente ou tardiamente textos com características apocalípticas.

Concluimos este trabalho no terceiro capítulo que é dedicado a apontar e comentar textos supostamente apocalípticos nos livros de Oséias e Amós. Nos preocupamos em destacar quais textos e quais de suas características são aparentemente de tradição apocalíptica. Alguns desses textos podem ser mais antigos remontando ao período do pós-exílio recente, e estariam associados à escatologia da salvação, contudo, já possuindo de maneira incipiente aquelas características que determinariam a apocalíptica. Por outro lado, alguns textos podem ser mais recentes, remontando ao período do exílio tardio e, dessa forma, estariam associados aos textos apocalípticos propriamente. Seja como for, acreditamos que tanto em Oséias como em Amós há textos apocalípticos.

# 1 Características da profecia clássica e do apocalipsismo

## 1.1 A natureza da profecia clássica

A religião de Israel é marcada por um processo de desenvolvimento histórico. A profecia passou por vários estágios em que sofreu inúmeras influências. Assim ela evoluiu de um estágio de profecia extática<sup>1</sup> no início da monarquia (principal representante: Samuel)<sup>2</sup> para a profecia oral, ou nebiísmo oral, do século IX a.C. (principais representantes: Elias e Eliseu)<sup>3</sup> até chegar à profecia clássica dos séculos VIII e VII a.C. (principais representantes do século oitavo: Amós e Oséias em Israel, e, Isaías e Miquéias em Judá).<sup>4</sup>

A profecia clássica aconteceu nos séculos VIII e VII a.C. A determinação temporal desse tipo de profecia é fundamental, pois antes do VIII séc. a.C. a forma mais comum de profecia era o nebiísmo oral. Mas no século VIII a.C., inicialmente em Amós, a profecia assume outro papel. Os profetas clássicos não são discípulos de profetas. Eles assumem uma postura crítica em relação aos abusos da monarquia e da religião institucionalizada nos templos. E mesmo havendo profetas profissionais nesse período, eles ou tomavam uma postura profético-cultural ou tomavam uma postura profético-nacionalista-religiosa. Já os profetas clássicos, mesmo que pudessem ser considerados profissionais, comportavam-se de forma independente em relação ao culto e à corte, fortalecendo dessa forma o Javísmo.

Os profetas clássicos se destacaram pelo fato de que seus oráculos foram escritos ou copilados. Eles ainda eram, de forma geral, profetas oradores. Suas mensagens não foram escritas por eles propriamente, mas copiladas por ouvintes ou discípulos. Isaías, por exemplo, pede aos discípulos para conservarem seus testemunhos (Isaías 8.16-17). Aqui ocorre uma mudança

---

<sup>1</sup> Para aprofundamento conceitual dos termos: “profecia extática”, “nebiísmo oral”, “profecia clássica”, “profetas cultuais” e demais termos relacionados à profecia, indicamos: EICHRÖDT, Walter. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2004. p. 275ss. GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. São Paulo: Teológica/Edições Loyola, 2005. p. 235ss.

<sup>2</sup> GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel: Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias*. São Paulo: Teológica/Edições Loyola, 2005. p. 367. Quadro cronológico.

<sup>3</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 367.

<sup>4</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 368.

significativa na tradição profética. Se antes, as mensagens dos profetas oradores eram conservadas em tradição oral, agora passam a ser conservadas, colecionadas e transmitidas textualmente.

Os profetas oradores não tinham o costume de conservar as mensagens escritas. Os profetas de um tempo mais antigo, como, por exemplo, Samuel, Natã ou Elias, não se dirigiam ao povo, mas aos reis. Logo, os reis eram os responsáveis e somente eles deveriam receber a mensagem dos profetas, a exemplo do que acontecia na política internacional em que as nações-estado faziam acordos entre os governos. As profecias não eram conservadas em forma escrita, porque eram pronunciadas em ambientes restritos e dirigidas a pessoas individuais.

Antes do século VIII a.C., os tratados entre as nações-estados costumavam ser feitos na forma de acordos entre os governos [...] desse modo eram principalmente os reis e os governantes individualmente que eram considerados responsáveis pelas obrigações e infrações dos tratados. As missões e as mensagens dos profetas nesse tempo mais antigo eram dirigidas primeiramente aos governantes e aos reis de Israel. Seguindo a metáfora da política de uma aliança entre um Suserano e seu vassalo, lahweh, o Suserano, encarregava um mensageiro de proclamar um decreto do seu conselho a um dos seus vassalos, ou seja, a um dos governantes ou reis.<sup>5</sup>

Num período posterior e por influência da política internacional da Assíria, as profecias passaram a ser conservadas em forma escrita. Os profetas clássicos, assim como os profetas oradores, sofreram influência política e se utilizam da mesma metáfora.

A partir do século VIII, porém, houve uma clara mudança na política externa da Assíria. Essa mudança certamente teve efeito correspondente na imagem ou metáfora política que fornecia aos profetas de Israel o modelo de sua autocompreensão. No século VIII, os assírios começaram a fazer tratados ou alianças com povos inteiros, não apenas com governantes ou reis individuais. Por isso não era mais o governante individual que era considerado responsável pelas obrigações ou infrações de um tratado ou aliança, mas o povo como um todo... Essa mudança na política externa da maior potência imperial da época parece refletir-se nas imagens e metáforas que os profetas de Israel usaram para descrever seu papel e função. A partir de Amós, os destinatários de suas mensagens já não eram os governantes e reis individuais, mas o povo de Israel como um todo [...] Suas mensagens eram pronunciadas em público para todos ouvirem. Elas eram conservadas e publicadas, especialmente se, como muitas vezes

---

<sup>5</sup> CERESKO, Anthony. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 181.

aconteceu, as advertências e anúncios da condenação e do desastre iminentes se comprovavam exatos.<sup>6</sup>

Uma terceira característica dos profetas clássicos é o conteúdo dos registros. Ao observar de perto os registros sobre os profetas antigos percebe-se que foram preservados os relatos de suas vidas.<sup>7</sup> A mensagem total não está acessível, mas apenas porções isoladas dessa mensagem podem ser percebidas. Já nos profetas clássicos acontece o contrário. A mensagem foi preservada, enquanto os relatos sobre a vida dos profetas clássicos não têm muita importância.<sup>8</sup> Isso se justifica pelo fato de que a mensagem deveria ser preservada, a fim, de que a nação de Israel pudesse se sentir responsável pelas obrigações da aliança com YHWH.<sup>9</sup>

Por fim, os profetas clássicos, ainda que proferindo suas profecias de forma mimética e mesmo que tivessem profundas experiências psíquicas,<sup>10</sup> não profetizavam de forma extática, mas em plena posse de suas faculdades.

Os profetas clássicos, embora, muitas vezes fazendo suas profecias mimeticamente, como seus predecessores o tinham feito [...] e, embora dados a profundas experiências psíquicas [...] não profetizavam em frenesi extático, mas em plena posse de suas faculdades, transmitindo suas mensagens na forma de oráculos [...]<sup>11</sup>

Assim podiam adaptar várias formas de se expressar profeticamente. Essas formas podiam variar entre um oráculo poético requintado a adaptações do culto público, como hinos e cânticos, como também tomar emprestado da linguagem dos tribunais a forma da demanda judicial em que YHWH acusa Israel de ter violado a lei da aliança.<sup>12</sup>

Estas características são suficientes para comprovar que os profetas clássicos, ainda que tivessem muita coisa em comum com seus antecessores,

<sup>6</sup> CERESKO, 1996, p. 182.

<sup>7</sup> CERESKO, 1996, p. 181.

<sup>8</sup> CERESKO, 1996, p. 181.

<sup>9</sup> REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009. p. 16. Optamos a partir daqui, exceto em citações diretas, grafar o nome divino como as quatro letras, acompanhando Reimer e assumindo as possibilidades e aberturas da forma do Tetragrama.

<sup>10</sup> RAD, Gerhard von, *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006. p. 499-500.

<sup>11</sup> BRIGHT, John. *História de Israel*. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 321.

<sup>12</sup> SCHREINER, Josef. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 66-67.

elaboraram uma forma única e fundamental de profecia em Israel. Podemos afirmar que os grupos proféticos profissionais de Israel eram em maior número, mas, por causa dessas características, os poucos profetas clássicos de Israel se tornaram mais importantes.

## 1.2 A natureza da apocalíptica

A origem e a natureza da apocalíptica são incertas. Nesta pesquisa trabalharemos com duas hipóteses. Na primeira hipótese, a apocalíptica surge como herdeira da profecia em seus estágios de desenvolvimento. Na segunda hipótese, discutiremos a possibilidade da apocalíptica também ter herdado características da literatura sapiencial.

A apocalíptica é herdeira direta do profetismo. Ela, por um lado, assumiu temas proféticos e, por outro, se distanciou deles:

A apocalíptica veterotestamentária se desenvolveu preponderantemente a partir da profecia [...] Assim demonstra já o fato de que os primeiros textos apocalípticos são acréscimos ou revisões [...] dos escritos proféticos (tradução livre).<sup>13</sup>

E assim como a profecia clássica herdou algumas características dos antigos profetas extáticos, podemos afirmar que a apocalíptica herdou algumas características da profecia. No entanto, são as diferenças que caracterizam os gêneros. A partir das diferenças em relação aos antigos profetas extáticos, mostramos a natureza da profecia clássica. Agora, semelhantemente, a partir das diferenças em relação a profecia clássica, conceituaremos a apocalíptica.

Gerhard von Rad, por sua vez, contrapõe o conceito de que a origem da apocalíptica esteja na profecia. Para ele, deve-se buscar a origem da apocalíptica na sabedoria:

A apocalíptica parece ter suas origens principalmente nas tradições da sabedoria. Se a apocalíptica fosse a continuação da profecia, como se

---

<sup>13</sup> PREUSS, Horst Dietrich. *Teología del Antiguo Testamento volumen II: El camino de Israel con Yahvé*. Bilbao: Editorial desclée de Brouwer, S.A, 1999. p. 466-467. “La apocalíptica veterotestamentaria se desarrolló preponderantemente a partir de la profecia [...] Así lo demuestra ya el hecho de que los primeros textos “apocalípticos” sean añadidos o revisiones [...] de los escritos proféticos.”



tem repetido freqüentemente (foi até definida como a filha da profecia), seria de se estranhar muito, [...] <sup>14</sup>

A escolha de personagens conhecidos como sábios, a paixão pelo conhecimento, a determinação divina dos tempos, a incorporação da história universal e a perspectiva escatológica, bem como o interesse pela sua interpretação são, para von Rad, evidências de que a apocalíptica tem sua origem na sabedoria. <sup>15</sup>

Apesar da posição de von Rad ser bastante contestada <sup>16</sup> assumimos o risco de pensar na origem da apocalíptica a partir também da sabedoria. Se para nós a apocalíptica nasce <sup>17</sup> e se distingue da profecia por um lado, nasce igualmente e também se separa da sabedoria, por outro lado. Nossa argumentação, portanto, se apropriará, quando necessário, tanto das diferenças e semelhanças entre apocalíptica e profecia, quanto das distinções e similaridades entre apocalíptica e sabedoria.

Não obstante a apocalíptica tenha ocorrido em tempos mais recentes, o seu auge ocorreu entre o II século a.C. e o I século d.C. <sup>18</sup>, quando ela se popularizou alcançando prestígio e possibilitando o surgimento de ampla literatura. Encontramos motivos apocalípticos antes do II a.C. nos profetas, e alguns textos genuinamente apocalípticos alcançaram o status do cânon nos profetas e nos escritos, este é o caso das visões noturnas de Zacarias, o apocalipse de Isaías (Isaías 24-27) e especialmente o livro de Daniel, entre outros. O gênero apocalíptico alcançou o primeiro século e influenciou o surgimento do cristianismo e sua literatura. Uma evidência clara disso é que o principal representante da literatura apocalíptica é o livro que se denomina Apocalipse de João. A própria expressão apocalipse deriva do grego e significa “revelar”. Após o I século d.C., contudo, a apocalíptica perdeu o vigor e entrou em decadência.

A primeira diferença significativa entre a profecia e a apocalíptica é a passagem da mensagem particularista da profecia para uma mensagem cósmica universalista na apocalíptica. A profecia em si refere-se quase que em sua

---

<sup>14</sup> RAD, 2006, p. 724-725.

<sup>15</sup> RAD, 2006, p. 724-727.

<sup>16</sup> PREUSS, 1999, p. 466.

<sup>17</sup> COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 48.

<sup>18</sup> RAD, 2006, p. 730.

totalidade a Israel e as suas relações externas. A apocalíptica apropria-se dos temas proféticos e os amplia para o mundo. Esperava-se que o Deus de Israel se manifestasse como o Senhor do Universo.<sup>19</sup> Se para alguns as esperanças proféticas já haviam se cumprido na realidade israelita, para outros essas esperanças ainda se cumpririam numa perspectiva universal.

Além disso, a apocalíptica prezava pelo enigma, enquanto os profetas primavam pela clareza. Os profetas queriam ser entendidos e, por isso, falavam de forma clara e compreensiva para que fossem entendidos pelos ouvintes-leitores. Já os apocalípticos queriam ocultar, criar um ar misterioso e enigmático. Por isso, abusavam das parábolas, das alegorias, dos símbolos e de uma confusa numerologia. É evidente que nas camadas mais antigas do Antigo Testamento os números já possuíam força. Mas os apocalípticos atribuem aos números ares indeterminados e misteriosos.<sup>20</sup> A mensagem apocalíptica não devia ser compreendida por pessoas não-iniciadas. Definitivamente, a apocalíptica não privilegiava o não-iniciado. Ela devia, sim, ser desvendada, ou melhor, revelada a alguns “iluminados”.

Em consequência dessa intencional obscuridade, aparece a pseudonímia, ou seja, o apocalíptico não quer se revelar, não quer se fazer conhecido e, por isso, atribui sua “revelação” a personagens do passado, de forma que ele pode narrar a história, às vezes na forma profética, às vezes na forma autobiográfica, mas sempre em prosa, até que se torne atual:

O apocalíptico quer permanecer oculto. Ele se esconde na figura e fala em nome de um sábio ou de um profeta do passado... Procura assim atribuir maior prestígio à sua revelação. Parte de um passado longínquo para, passando pelo presente, fixar o olhar no futuro e no fim.<sup>21</sup>

O apocalíptico apropria-se da voz de um personagem do passado, alguém que recebeu um “segredo” de Deus e que por isso pode compreendê-lo perfeitamente.

Pode-se perceber ainda a presença de um ser celestial, um ente angelical que possibilitará, através da interpretação, a compreensão da mensagem ou visão revelada ao apocalíptico. Esse anjo da interpretação é um

---

<sup>19</sup> SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004. p. 446.

<sup>20</sup> SCHREINER, 2004, p. 424.

<sup>21</sup> SCHREINER, 2004, p. 424-425.

personagem de aparição permanente. Deus não pode ser visto. A transcendência de Deus é um aspecto tão forte para o apocalíptico que ele necessitará desse “mediador” para introduzi-lo nos mistérios divinos. Entre Deus e os homens há um enorme abismo e, por isso, o homem não tem acesso ao mundo celestial, divino, transcendente e, portanto, necessita desse anjo para conduzi-lo em suas viagens ao mundo celestial de onde ele recebe as visões.

O conteúdo apocalíptico é sempre escatológico. A história apresenta um cenário planejado por Deus para sua revelação última.<sup>22</sup> Deus, naturalmente, se revelava através da história de Israel, mas nos últimos tempos ele invadirá a história de tal forma que os eventos se tornarão supra-históricos, meta-históricos, para além da história. Na apocalíptica há uma sensível “*perda da dimensão histórica*”.<sup>23</sup> Mais uma vez notamos algo que se assemelha à profecia. Afinal, a escatologia nasceu na profecia.<sup>24</sup> Mas na apocalíptica a escatologia se exaspera até o limite, pois todo o conteúdo apocalíptico é escatológico. E esse conteúdo é sempre uma catástrofe cósmica, em que as estrelas, a lua e o sol são abalados, e os poderes desse mundo (éon) são destronados, e o juízo de Deus irrompe na história e para fora da história. A profecia clássica já havia contemplado esse grande e terrível dia do Senhor como um juízo até mesmo para Israel, mas sempre de forma histórica e, por assim dizer, localizada. A escatologia apocalíptica, todavia, não vê limites entre o histórico e supra-histórico. Essa catástrofe cósmica é, para a escatologia apocalíptica, um fato iminente, e, por isso, a apocalíptica desperta um sentido de urgência e uma expectativa ardente de uma intervenção salvífica de Deus. A escatologia profética não vê o fim dos tempos, mas um novo tempo, uma nova terra e um novo céu. A escatologia apocalíptica, por sua vez, vê o juízo em que forças supra-históricas invadem a história pondo-lhe um fim.

O tema da catástrofe aparece claramente nas profecias. Mas as catástrofes escatológicas proféticas aparecem em forma de “exílios”, de “espada”, de “fomes”, de “pestes”, de castigos, digamos assim, naturais. Já as catástrofes escatológicas apocalípticas aparecem em forma da consumação do natural: “*secar-se-á o cimo do Carmelo*” (Amós 1.2); “*O sol e a lua se*

---

<sup>22</sup> NOTH, Martin. *A concepção de História no Apocalipsismo do Antigo Testamento*. In: *Apocalipsismo*, coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 90, 91.

<sup>23</sup> SCHMIDT, 2004, p. 450.

<sup>24</sup> SCHREINER, 2004, p. 399.

*escurecerão, e as estrelas retiram seu resplendor*” (Joel 3.15); “*A lua se envergonhará, e o sol se confundirá quando o Senhor dos Exércitos reinar no monte Sião [...]*” (Isaías 24.23). Metáforas desse tipo serão reproduzidas abundantemente nos profetas que sofreram influências apocalípticas e poderão ser notadas sutilmente em meio às profecias.

A apocalíptica é, pois, uma criação bastante complexa, capaz de canalizar para si outras correntes da cultura e da fé israelita. Pelas suas propriedades, contudo, ela se dá a conhecer como algo novo. W. BAUMGARTNER resumiu muito bem as suas características: ‘Pseudonímia, impaciência escatológica e cálculo preciso do fim, amplidão e tom fantástico das visões, horizonte histórico-universalístico e cósmico, simbolismo dos números e linguagem para iniciados, angelologia e esperança no além.’<sup>25</sup>

Como pudemos perceber, o apocalipsismo é uma forma literária complexa, importante e tardia. Ela tanto recebeu influência da cultura e da fé israelita quanto a influenciou profundamente. Sua linguagem era atraente para judeus e cristãos e, a despeito de sua complexidade e de sua forma misteriosa, foi amplamente utilizada.

---

<sup>25</sup> SCHREINER, 2004, p. 426-427.

## 2 Formação dos textos em Oséias e Amós

Recuperar a história da redação dos livros proféticos é uma tarefa muito difícil. Os especialistas estão de acordo em que há muitas camadas literárias neles inseridas, e isso dificulta bastante a descoberta da autêntica voz profética de Oséias e Amós.<sup>26</sup> Além do material “original” dos profetas Oséias e Amós, há várias camadas e possivelmente algumas releituras.<sup>27</sup>

Nossa argumentação parte do pressuposto de que a composição dos textos de Oséias e Amós são muito parecidas e devem seguir a mesma orientação. Primeiro, porque ambos profetizaram no Norte, em Israel. Depois, porque ambos eram profetas orais, e seus textos foram colecionados por discípulos. Terceiro, porque com a queda de Samaria diante da Assíria, seus textos foram transportados e guardados em Jerusalém, redescobertos e provavelmente sofreram releituras judaítas. Em seguida, passaram pelas mesmas revisões deuteronômistas pós-exílicas para, finalmente, sofrer a última influência textual, a inserção de fragmentos lingüísticos com características apocalípticas.

Como não há muita literatura que analise diretamente a história da formação dos textos desses profetas, decidi seguir para o livro de Amós a organização proposta por Wolff<sup>28</sup>, apresentada por Schwantes<sup>29</sup>, e, para o livro de Oséias<sup>30</sup>, a organização proposta por Reimer, reavaliando, porém, algumas localizações temporais dos textos diferentemente do apresentado pelos autores.

Em cada etapa de formação do texto será apresentado um panorama histórico na tentativa de que se evidenciem as necessidades para o devido trabalho textual, ou seja, para justificar as razões de adaptações e inserções de camadas literárias ao texto até a etapa final de formação dos livros.

---

<sup>26</sup> Optamos em grafar “Oséias e Amós” respeitando a ordem em que os livros se encontram atualmente no cânon.

<sup>27</sup> GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988. p. 340.

<sup>28</sup> Uma das dificuldades nessa abordagem é que o texto de Wolff está em alemão e sua abordagem foi muito sintetizada por Schwantes. Por isso, oferecer-se-á uma tentativa própria de localização temporal dos textos. A abordagem proposta enfrentará o dilema, a reverência e a obrigação em tentar algo conflitante, quando necessário, com Wolff.

<sup>29</sup> SCHWANTES, Milton. *A Terra não pode suportar suas palavras: Reflexão e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 141-142.

<sup>30</sup> REIMER, Haroldo (org.). *Oséias. Juízo, misericórdia, conversão*. Encontros sobre o livro de Oséias. São Leopoldo: Cebi, 2005. p. 16-18.

## 2.1 Primeira etapa da formação dos textos – A forma oracular

A primeira etapa da formação dos textos de Oséias e Amós é a chamada fase oracular. Nesta fase, o profeta está “profetizando”, está em ação profética, está proclamando os oráculos de YHWH. Pode-se localizar esta fase no século VIII a.C, por volta do ano 760 a.C, na monarquia de Jeroboão II (787 – 746). É o momento em que o próprio profeta está anunciando os juízos de YHWH.

É importante determinar bem este momento histórico. Como nossos dois profetas vaticinaram no Reino do Norte, faremos uma descrição dos acontecimentos ocorridos em Israel nesse período e os associaremos a eventos relacionados a Judá, Reino do Sul. Todavia, deve estar claro que esta abordagem é um panorama e não quer esgotar as possibilidades no horizonte histórico.

Apesar dos dois profetas terem ministrado no Reino do Norte, deve ser ressaltado que Amós veio do Sul, de Técuá, cidade situada a aproximadamente umas duas horas de caminhada de Belém.<sup>31</sup> Oséias, por sua vez, parece ser nativo de Israel, todavia, desconhecemos sua cidade natal.

Como já antecipamos anteriormente, os profetas Oséias e Amós profetizaram no séc. VIII, durante o reinado de Jeroboão II e seus sucessores. Amós foi o precursor, apareceu primeiro no cenário israelita. Oséias veio logo depois e deve ter profetizado até o final do reino do Norte em 722 a.C<sup>32</sup> (Os. 1.1; Am. 1.1). Certamente eles foram contemporâneos em algum momento. Talvez Oséias tenha se inspirado na maneira com que Amós proferia seus oráculos e até mesmo pode ter sido um de seus discípulos.<sup>33</sup>

O Reinado de Jeroboão II, assim como o de seu contemporâneo no sul, Ozias, pode ser descrito como tendo sido projetado “às alturas do poder e da prosperidade desconhecidas desde o tempo de Davi e Salomão”.<sup>34</sup> Jeroboão II restabeleceu as fronteiras setentrionais de Israel até os limites impostos anteriormente por Salomão<sup>35</sup>, que haviam sido perdidos ao longo de reinados fracassados. Essa expansão territorial permitiu o controle de rotas comerciais, a

---

<sup>31</sup> RAD, 2006, p. 561.

<sup>32</sup> GOTTWALD, 1988, p. 340.

<sup>33</sup> CERESKO, 1996, p. 195.

<sup>34</sup> BRIGHT, 2003, p. 311.

<sup>35</sup> BRIGHT, 2003, p. 313.

circulação livre de mercadorias passando pela rota via-maris e por Jezrael, a cobrança de tributos alfandegários, e, conseqüentemente, trouxe prosperidade a “Efraim”. Judá gozava de igual prosperidade.

Contudo, a prosperidade não alcançou todos os habitantes de Israel. As elites e a aristocracia citadina se beneficiaram consideravelmente, mas o povo em geral, os moradores do campo e das vilas foram explorados e oprimidos.

A realidade do povo camponês dos dias de Amós era, pois, marcada por espoliação e violência. [...] Para manter-se e para ativar as rotas comerciais, o Estado de Jeroboão II extorquia sua gente e, provavelmente, criava um incipiente comércio nas vilas. O povo empobrecia.<sup>36</sup>

Schwantes nos chama a atenção ainda para o revés da prosperidade. Samaria era de longe uma potência da época. As potências situavam-se ao norte: Damasco, Emat, Urartu e principalmente a Assíria na Mesopotâmia. Israel se desenvolveu no momento em que estas potências estavam em conflito entre si pela preeminência. Contudo, quando a Assíria se tornou hegemônica, voltou-se contra Samaria pelas mesmas rotas que anteriormente serviram para enriquecer Israel.<sup>37</sup>

Foi nesse cenário que apareceram Amós e Oséias profetizando em Israel. Apesar de toda informação histórica que já possuímos, ainda não se pode afirmar precisamente o que de fato é *ipsissima vox* de Oséias e Amós, aquela dicção original, o modo falante do profeta.

[...] Jörg Jeremias leva em conta o fato de que o livro profético ‘existe como texto escrito, por trás do qual **as palavras ditas oralmente nem sempre podem ser claramente reconhecidas**’. [...] Assim o livro surgiu num processo longo [...]<sup>38</sup>

Está claro, que alguns ditos proféticos, ainda que conservados posteriormente como panfletos memoriais do profeta, devem ser atribuídos ao próprio profeta. Isso deve ser feito, porém, com certa dose de cautela, haja vista que nos panfletos memoriais já está a manifestação literária do ouvinte, que, por sua vez, transcreve segundo o seu “ouvir”, mais do que o “falar” do profeta. E, ainda, percebemos que este “ouvinte” não é singular, mas reflete a percepção de

<sup>36</sup> SCHWANTES, 2004, p. 26.

<sup>37</sup> SCHWANTES, 2004, p. 27.

<sup>38</sup> SCHMIDT, 2004, p. 347. Grifo nosso.

uma escola, comunidade,<sup>39</sup> enfim, um grupo. Uma audiência ampla que depois trabalha a textualidade da palavra. O “redator” na verdade são “redatores”, grupos que se debruçam sobre as palavras do profeta para redigi-la. Isso de maneira nenhuma é ruim, contudo dificulta o trabalho de pesquisa sobre as “palavras do profeta”.

[...] tanto o conjunto do livro quanto as sucessivas camadas redacionais são atribuídos a redatores (plural), escolas, comunidades, enfim a coletivos. Vem-se percebendo grupos sociais na origem de textos e de conjuntos literários, agregados ao profeta. O coletivo como berço de literatura parece ser uma premissa aceitável, quase normal, quando se estudam composições e redações.<sup>40</sup>

É importante, todavia, afirmar esta fase oracular, pois garante a historicidade do profeta. Tanto o profeta Oséias quanto o profeta Amós são pessoas que em um determinado momento histórico falaram em nome de YHWH. O fato dos discípulos anotarem os ditos proféticos não inviabiliza a historicidade do profeta. Pelo contrário, justamente por causa dos trabalhos redacionais dos discípulos é que pudemos conhecer as palavras de YHWH proclamadas profeticamente por Oséias e Amós.

Alguns blocos em coletâneas<sup>41</sup> podem remontar ao profeta por suas características de ditos proféticos. Evidentemente, estas coletâneas estão escritas e devem ser analisadas também em suas características textuais. Mas, ainda aqui, temos “as palavras do profeta” sendo transacionadas para outra etapa: de dito oracular para as memórias dos discípulos.

## 2.2 Segunda etapa da formação dos textos – O início da redação

Não é fácil precisar exatamente quando as palavras dos profetas começaram a ser fixadas em texto. Schwantes nos dá uma pista de que isso pode ter começado a ocorrer muito rapidamente.<sup>42</sup> Com a morte de Jeroboão II, a dinastia dos ninsidas não demorou muito a ser extinta. Conflitos palacianos levaram à morte o filho de Jeroboão II e a vários distúrbios e troca de reis. Seguiu-se a Zacarias, filho de Jeroboão, Salum, e, um mês depois, Menaém que

<sup>39</sup> SCHWANTES, 2004, p. 143-144.

<sup>40</sup> SCHWANTES, 2004, p. 143.

<sup>41</sup> SCHWANTES, 2004, p. 144. Os conceitos aplicados (Coleções de Ditos, Panfletos, Memórias) às coletâneas seguirão os propostos por Schwantes.

<sup>42</sup> SCHWANTES, 2004, p. 142.



ficou no trono por 10 anos. Em seguida, vieram Pecaías, Peca e Oséias, que ficou no trono até o ocaso de Samaria. Percebemos que os vários transtornos políticos levaram a uma percepção dos discípulos de que as palavras dos profetas deveriam ser compiladas.

O texto de Amós pode ter sido fixado em Judá, e não propriamente em Betel. Em Judá acontecia um fenômeno profético do qual, sem dúvida, Amós era o precursor: a profecia clássica. Dois outros profetas teriam ou tiveram suas palavras textualizadas em Judá, Isaías e Miquéias, ambos relativamente contemporâneos de Amós e Oséias (Is 1.1; Mq 1.1).

A textualização das palavras de Oséias, contudo, é um fenômeno um pouco mais difícil de contextualizar. Não podemos determinar com convicção onde foram escritas as palavras de Oséias. O problema é que para Amós existem paralelos, enquanto para Oséias não há referenciais. Oséias foi o único profeta literário do reino do Norte.

Quanto ao conjunto da mensagem de Oséias, cada exegeta a princípio tem a impressão de que ela é amplamente diferente, por exemplo, da de Amós, ou de Isaías. [...] Mas o que intranqüiliza nesse levantamento é que o fenômeno é único no gênero. É que Oséias é o único “profeta literário” do reino do Norte. Isso significa que não possuímos nenhum ponto de comparação e, portanto, não há como distinguir entre o que faz parte do perfil específico da sua mensagem e o que no sentido geral possivelmente adotou das formulações previamente definidas: o estilo profético, a temática e a tradição profética.<sup>43</sup>

Imaginamos que o texto de Oséias segue o script dos outros profetas clássicos. Não temos muitas dúvidas de que sua mensagem é distinta, enquanto a moldura aparenta-se à dos outros profetas. Supomos daí que a escrita do texto de Oséias pode ter ocorrido em Judá, juntamente com a dos profetas clássicos do sul.

Passemos a analisar agora as transformações ocorridas pela textualização das palavras dos profetas. Nesta fase, os textos começam a aparecer. Deixam de ser oráculos proclamados para serem oráculos escritos. A voz se consolida em texto escrito. Nesse período, como já vimos houve uma mudança na política internacional proposta pela Assíria, que, em lugar de celebrar alianças diretas com os reis vassalos passam a celebrar alianças com o próprio povo, e as regras da aliança eram expressas a todo o povo. Os

---

<sup>43</sup> RAD, 2006, p. 569.

discípulos dos profetas Oséias e Amós perceberam a necessidade imediata de escrever as profecias, assim como faziam os reis assírios ao escrever as alianças e comunicar a todo o povo, para que o povo pudesse ser lembrado das palavras de YHWH antes ditas pelos profetas.

Os ouvintes memorizaram as palavras, ouviram e se aperceberam no contexto profético. Essa “memória” se tornou então “panfletos”<sup>44</sup> que depois seriam agrupados por temas. Este caminho na formação do texto é mais ou menos óbvio. Os oráculos do profeta atingiram um pequeno grupo de ouvintes. Estes ouvintes amplificavam as palavras em memórias contadas oralmente, alcançando um grupo maior de pessoas e até de possíveis desafetos, como no caso do sacerdote Amazias que acusou o profeta Amós de conspiração.<sup>45</sup> Assim as palavras eram espalhadas. Em seguida, foi necessário que estas memórias fossem compiladas em panfletos para que as palavras de YHWH fossem conservadas, o que foi feito pelos discípulos. Esses panfletos são pequenos textos, pequenos ditos sobre os mais variados temas propostos pelos profetas. Estes panfletos foram então agrupados em temas e alcançaram uma dimensão ainda maior, não só no sentido de aumentar o número de ouvintes/leitores, como no sentido de radicalizar os temas. Um panfleto isolado sobre qualquer assunto teria um significado, mas um grupo de panfletos falando sobre o mesmo assunto teria muito mais importância. Dessa forma o grupo de panfletos temáticos colecionados “cresceu” em sentido:

Na transformação da fala em memória ou panfleto, sucede algo de grande relevância. À fala são adicionadas novas dimensões. Ocorrem mutações. [...] muito mais gente vem ter acesso à fala, já que ela passa a ser reproduzida e reduplicada pela memória ou pela letra. Por conseguinte, ao ser coletada, a fala passa por um processo de amplificação.<sup>46</sup>

Essa primeira transformação fala da irradiação da profecia. Ela passou a alcançar um número muito maior de ouvintes/leitores, que, por sua vez, tendiam a amplificar ainda mais, sempre em atitudes de proclamação da profecia, de forma a popularizá-la.

A segunda transformação significativa foi o crescimento em conteúdo, em virtude do agrupamento dos ditos em coletâneas:

<sup>44</sup> SCHWANTES, 2004, p. 147.

<sup>45</sup> Amós 7.10.

<sup>46</sup> SCHWANTES, 2004, p. 148.

A fala cresce em conteúdo. Um dito isolado [...] contra o exército ou a capital Samaria era bem menos incisivo, eficaz e contundente do que uma coletânea, cujo ápice é a ameaça ao exército [...] ou ao santuário [...] ou cujo tema, repetido qual refrão, é o aniquilamento da central de poder [...]. Há, pois, uma radicalização do conteúdo mediante a justaposição de ditos. Portanto, por meio da coletânea, a profecia [...] “cresce” por se alastrar e se tornar mais radical. Cresce em irradiação e em profundidade.<sup>47</sup>

Essa profundidade e esse poder de irradiação do dito profético transformado em texto é o que faz dos profetas clássicos personagens tão amados, temidos e odiados. Essa fase de redação demonstra uma profunda diferença com os antigos profetas extáticos, já que, a partir da conservação dos ditos proféticos em texto, a mensagem passa a ser amplificada e radicalizada, algo que praticamente inexistia no nebiísmo. Os profetas clássicos passam a ser conhecidos principalmente pelas suas “palavras”, e não por “relatos” de suas vidas.

### **2.3 Terceira etapa da formação dos textos – A adaptação para a comunidade judaíta**

As palavras dos profetas não demorariam a ter relevância concreta. Deixariam de ser apenas oráculos proclamados de um vaticínio futuro e talvez distante, para ser palavras de eventos que se realizaram na história. A conservação dos textos escritos valeria à pena, pois, alguns anos após o início do trabalho de redação dos textos, Israel/Norte seria levado para “além de Damasco”.

Este momento histórico foi decisivo para Israel e Judá. Menaém, rei de Israel, se tornou rei vassalo da Assíria. Nesse período a Assíria sob Tiglate-Pileser III cobrou tributos de Damasco e de Samaria. Menaém manteve-se no poder como rei “*vassalo do imperador assírio e foi totalmente dependente dele*”.<sup>48</sup> Os conflitos que se seguiram após a morte de Menaém sugerem a existência de grupos pró-assíria e antiassíria. Pecaías, filho de Menaém, foi assassinado por Peca, que se fez rei de Israel. Peca liderou, juntamente com a Síria uma coalizão antiassíria. O rei Acáz de Judá preferiu ficar neutro neste conflito, e isso desencadeou a guerra siro-efraimita, na qual os reis de Samaria e

<sup>47</sup> SCHWANTES, 2004, p. 148-149.

<sup>48</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 184.

Damasco se voltaram contra Judá. Acáz por sua vez pediu desesperadamente socorro ao imperador assírio. O ataque Assírio ao norte, atendendo ao pedido de Acáz, promoveu a primeira deportação de israelitas em 733 a.C. A elite urbana foi conduzida ao cativeiro. Uma elite proveniente de outros lugares do império foi posta em seu lugar.<sup>49</sup>

Peca não pôde se manter no trono e foi assassinado por Oséias, que se proclamou rei e se apressou em pagar tributo a Assíria para garantir seu incipiente reinado. Tiglate-Pileser vangloriou-se de ter instalado pessoalmente Oséias no trono de Israel.<sup>50</sup> Como Oséias, rei de Israel, não estivesse disposto a se manter tributário da Assíria, pediu socorro ao Egito, para se livrar dela assim que Tiglate-Pileser morreu. Contudo, Salmanassar V, novo imperador assírio, levantou-se contra Israel, capturou toda a região rural e fez um cerco contra Samaria, que durou aproximadamente dois anos. Oséias foi levado preso pelos assírios e, finalmente, Samaria capitulou. Sua população, cerca de vinte e sete mil pessoas<sup>51</sup>, foi levada para o cativeiro na Alta Mesopotâmia e na região Média, enquanto outros tantos habitantes do norte fugiram para o sul, para Judá. Foi o fim do Estado de Israel/Norte.

A deportação de Samaria pela Assíria foi algo decisivo para a redação dos livros de Oséias e Amós. Muitos israelita-nortistas fugiram para Judá/Sul. Consigo levaram a bagagem cultural, as tradições, especialmente as do Êxodo, as memórias e também levaram os textos “sagrados”. Os livros de Deuteronômio, Amós e Oséias foram levados para Jerusalém. Ao que parece, alguns desses textos ficaram, por assim dizer, perdidos no templo. Outros, por sua contemporaneidade, foram relidos e, à maneira judaíta, contextualizados.<sup>52</sup>

[...] tradições que eram especificamente do norte de Israel foram acolhidas e integradas em Judá, para onde refugiados do norte as levaram. [...] a camada eloístas do Pentateuco é freqüentemente tida como originada no norte de Israel. Idéias especificamente israelitas continuam vivas, de forma modificada, no Deuteronômio e na Obra Historiográfica Deuteronomista, principalmente a idéia da anfictionia. Também o cerne das tradições de Elias e das narrativas de Eliseu tem sua origem no Israel do norte. O anúncio dos profetas Amós e Oséias, pertencente às últimas décadas do Reino do Norte, foi compilado e transmitido em Judá e atualizado de acordo com a situação judaíta.<sup>53</sup>

<sup>49</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 185.

<sup>50</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 185.

<sup>51</sup> BRIGHT, 2003, p. 334.

<sup>52</sup> CERESKO, 1996, p. 77.

<sup>53</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 187.

Oséias e Amós foram alguns dos textos relidos e aplicados ao contexto judaíta. Afinal, a situação de Jerusalém não era muito diferente de Samaria. Judá acabou sendo sitiada pela mesma nação opressora, Assíria. Por isso mesmo, as palavras dos profetas Oséias e Amós se tornaram especialmente atuais para Jerusalém.

Judá, por não ter tomado parte da coalizão antiassíria, preservou parte de seus territórios. Porém, não foi um estado independente, pois tornou-se um reino vassalo da Assíria. Acáz pagou tributos a Tiglate-Pileser. Ao solicitar socorro da Assíria, Acáz abriu mão de sua liberdade.

A descrição que se faz de Judá nesse período não é melhor da que é feita de Israel, ainda que também não deva ser exagerada. Judá, apesar da sobrevida, tinha problemas econômicos, sociais e morais tão sérios quanto os do extinto Israel. Judá havia perdido os territórios que foram conquistados por Ozias, o que levou a uma perda de arrecadação tributária e de acesso ao mar pelo porto de Asiongaber. Entretanto, as bases econômicas lançadas por Ozias foram moderadamente preservadas.

Não devemos pintar um quadro demasiado carregado, porque nem a decadência religiosa nem a deterioração social tinham chegado a Judá ao ponto a que chegaram em Israel. [...] A desintegração dos padrões sociais e a concentração de riqueza nas mãos de alguns não tinham chegado aos extremos que atingiram em Israel.<sup>54</sup>

Talvez as palavras de Amós tenham sido lidas em praça pública para que todos ouvissem o que YHWH falara por intermédio do profeta de Técuá. Igualmente, as experiências proféticas de Oséias sobre o adultério do povo de Israel contra YHWH talvez tenham sido proclamadas nas ruas de Jerusalém. Alguns temas, porém, podiam não ter sentido imediato aos ouvidos judaítas e, por isso, precisaram sofrer uma releitura, para a devida aceitação na comunidade.

Na reforma do culto a YHWH por Ezequias e, finalmente, por Josias, em que o templo de Jerusalém se torna não somente o templo central, mas o templo exclusivo, em que os templos periféricos foram destruídos e cultos a Baal e Asherá foram terminantemente proibidos, as palavras dos profetas Oséias e Amós encontraram significativa receptividade. Um texto como o do profeta

---

<sup>54</sup> BRIGHT, 2003, p. 337.

Oséias, no qual a prostituição cultural e o culto a Baal são polemizados, é ideal para o momento histórico de Judá. Além disso, os profetas Oséias e Amós desenvolveram uma série de críticas à elite opressora de Israel. Certamente, essas mesmas críticas se aplicavam as autoridades judaítas, que agora passavam a ser alvos da releitura desses profetas.

Jerusalém, ao contrário de Samaria, não foi dominada pela Assíria e teve uma sobrevivência de mais um século. Os problemas morais, sociais e culturais de Jerusalém eram muito parecidos com os de Samaria. Nesse contexto, as palavras dos profetas Oséias e Amós encontrariam eco e audiência. É óbvio que nenhum dos textos e tradições que vieram do Norte foram aceitos prontamente e incorporados aos costumes e leituras do Sul. Foi na reforma de Josias que os textos do Norte alcançaram seu status de maior importância e se juntaram a outras tradições já existentes.<sup>55</sup>

A reforma de Josias contextualizou a tradição do Êxodo e a aplicou a Judá. Os profetas do Norte receberam especial atenção, foram lidos e sofreram as influências do convívio com a comunidade do Sul. Oséias e Amós passaram a ser reconhecidos como profetas em Israel, mas que também vaticinaram contra Jerusalém, declarando que seus castelos seriam consumidos pelo fogo (Amós 2.4, 5).

A idéia do exílio como um castigo possível contra Israel e Judá pode ser recuperada de um período muito antigo. Em textos atribuídos ao próprio Moisés (Levítico 26.33) essa idéia já aparece. Mas era algo impensável, era um castigo inimaginável. Qualquer profecia a este respeito poderia levantar sobre o profeta a suspeita de conspiração. Porém, Samaria já havia passado por isso, e Jerusalém não demoraria a passar também por um exílio. As palavras dos profetas Oséias e Amós podiam ser consultadas e confirmadas pelos hierosolimitanos.

Fazem parte dessa fase as profecias que indicam Judá e Jerusalém, que condenam seus pecados, que denunciam sua imoralidade e que desmascaram sua injustiça. É provável que alguns oráculos remontem ao profeta. Contudo, os indícios nos levam a ver a comunidade participando e construindo o texto. Isso

---

<sup>55</sup> SCHREINER, 2004, p. 225.

não significa adulteração do texto, mas participação, inserção, inclusão na compreensão e redação do texto.

## **2.4 Quarta etapa da formação dos textos – “A redação deuteronomista” (Ciclos palestinos do período do exílio)**

A história deuteronomista teve dois momentos fundamentais. O primeiro momento foi logo após a morte prematura do rei Josias. Os deuteronomistas fizeram uma profunda revisão na grande Obra Historiográfica Deuteronomista (OHD). Eles tentaram explicar especialmente a causa da catástrofe ocorrida em 722 a.C., em que Israel foi levado ao exílio assírio. Procuraram demonstrar através da profecia que Deus se manteve fiel em sua aliança e todas as suas palavras se cumpriram. A figura do profeta é acentuada como um porta-voz de YHWH. As profecias são relatadas juntamente com o seu cumprimento. Os reis do Norte deram continuidade aos pecados de Jeroboão e, por isso, foram punidos por YHWH. Esse modelo que fala da fidelidade de YHWH escancara a infidelidade do povo.

Os trabalhos deuteronomistas tiveram início quando Judá ainda era um reino independente, mas essa situação não demoraria muito a mudar. Durante o reinado de Josias, Judá conseguiu se impor na região, estendendo suas fronteiras até ao norte do antigo estado de Israel. Além disso, ele também as estendeu em direção ao Mediterrâneo, estabelecendo controle sobre o porto de Jope. Josias promoveu uma reforma religiosa importante descrita como a mais completa da história de Israel.<sup>56</sup> As principais decisões tomadas por Josias estão claras:

[...] expurgo radical de cultos e práticas estrangeiras. Os objetos de culto assírio, [...] foram os primeiros a ser expurgados. Os reparos do templo, [...] representavam talvez a purificação que se seguiu à remoção oficial. Vários cultos solares e astrais, [...] também foram banidos, como também foram os cultos pagãos nativos, alguns introduzidos por Manassés. [...] Seu pessoal, incluindo sacerdotes eunucos, prostitutas e prostitutos, foi todo morto. A prática da adivinhação e da magia foi suprimida. Os locais de culto do norte de Israel [...] dificilmente poderiam passar despercebidos a um reformador tão zeloso quanto Josias. [...] os santuários da Samaria, particularmente o templo rival de Betel, foram profanados e destruídos, sendo mortos os seus sacerdotes. [...] O coroamento das medidas de Josias foi fazer o que Ezequias havia tentado fazer, mas sem sucesso permanente:

---

<sup>56</sup> BRIGHT, 2003, p. 382.

fechando todos os santuários de lahweh em todo Judá, ele centralizou toda adoração pública em Jerusalém. [...] Nunca houvera antes uma reforma tão radical em seus fins e tão consistente em sua execução.<sup>57</sup>

Contudo, logo após a morte de Josias, que ocorreu em um campo de batalha próximo a Meguido quando tentava barrar o avanço de Neco II, a independência de Judá chegara ao fim. Jeoacaz foi proclamado rei e destituído por Neco II três meses depois. Jeoaquim, irmão de Jeoacaz, foi posto rei em Jerusalém pelo faraó egípcio, de quem se tornou vassalo, e teve que pagar elevado tributo. Jeoaquim depois se tornou vassalo da Babilônia, pois Nabucodonosor marchou pela Palestina, destruindo e exilando os que não se submetiam à sua vontade. O faraó estava encurralado no Egito e não podia oferecer, pelo menos naquele momento, ajuda à Judá. Entrementes, em 601 a.C. depois de uma sangrenta batalha na fronteira do Egito, na qual, nem Nabucodonosor nem Neco podiam se considerar vitoriosos, o rei Jeoaquim resolveu rebelar-se contra a Babilônia. Nabucodonosor reorganizou seus exércitos e voltou-se novamente contra Judá em 598 a.C. Nesse mesmo ano Jeoaquim morreu, e seu filho Joaquim reinou em seu lugar. Decorridos três meses, Jerusalém capitulou diante do exército de Nabucodonosor. O rei de Judá e vários de seus súditos foram enviados prisioneiros para a Babilônia. Nabucodonosor nomeou Zedequias, tio de Joaquim, para governar em Jerusalém. Zedequias manteve-se no poder por aproximadamente dez anos vacilando entre ser fiel ou não à Babilônia. Como se viu, sua indecisão o levou à ruína juntamente com Jerusalém. Sua última revolta, em 588 a.C., foi o estopim para deflagrar a derrocada de Jerusalém em 587 a.C., quando o próprio Zedequias foi preso e lavado diante de Nabucodonosor. Zedequias viu seus filhos sendo executados, em seguida, teve seus olhos queimados e foi conduzido prisioneiro para a Babilônia. Nabuzardã derrubou os muros de Jerusalém e a incendiou. “*O Estado de Judá acabara para sempre*”.<sup>58</sup>

O segundo momento fundamental foi o período do exílio babilônico, em que mais uma vez os deuteronomistas se detiveram sobre a OHD para explicar o exílio judaíta.<sup>59</sup> Nessa segunda edição, a Torá sofreu uma revisão em que

---

<sup>57</sup> BRIGHT, 2003, p. 384.

<sup>58</sup> BRIGHT, 2003, p. 397.

<sup>59</sup> DA SILVA, Airton José. *O contexto da Obra Histórica Deuteronomista*. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, n. 88, p. 11-27, 2005.



predições sobre o destino do Sul foram claramente apontadas. A estratégia é a mesma: confirmar YHWH como Deus fiel e, agora, denunciar Judá como uma obstinada nação pecadora. Essa influência alcançou outros textos, e não somente a Torá (Deuteronômio) ou os livros da OHD (Josué, Juizes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis). Também os profetas sofreram edições para que neles fosse incutida a tese principal dos deuteronomistas.<sup>60</sup>

A tradição do Êxodo, por exemplo, tem papel ambíguo no texto de Amós. Ora ela é quase suprimida a um evento comum, inclusive ocorrendo fenômeno parecido em nações inimigas (Amós 9.7). YHWH resgatou Israel do Egito, mas também “resgatou” os filisteus de Caftor. O Êxodo, nessa passagem, não é considerado uma tradição importante, pelo contrário. Por outro lado, a tradição do Êxodo aparece no livro com traços importantes. Em Amós 5.25, o Êxodo revela a fidelidade de YHWH que cuidou de Israel por quarenta anos de peregrinação no deserto. São dois textos distintos sobre a mesma tradição. Coisas semelhantes podem ser observadas nos textos de Oséias 11.1ss, quando as tradições do Êxodo são evocadas para manifestar o amor de YHWH por Israel: “*Quando Israel era menino, eu o amei e do Egito chamei meu filho*”. No entanto, o mesmo texto irá demonstrar a obstinação de Israel em se afastar de YHWH.

Voltando a Amós, podemos afirmar que está mais ou mesmo evidente que o texto de Amós 5.25 faz parte desse trabalho deuteronomista. A profecia lembra a fidelidade de YHWH para com Israel e denuncia sua idolatria. As divindades Sicut e Quium, mencionadas, por exemplo, eram desconhecidas na proto-história de Israel, por se tratar de divindades assírias. A mesma divindade adorada por Israel/Norte aparece incluída na tradição do Êxodo. Nesse caso, os deuteronomistas quiseram associar à profecia de Amós uma denúncia de idolatria em contra-resposta à fidelidade de YHWH.

Outro texto que pode ser detectado como sendo dessa fase é Amós 3:7. Nesse texto a figura do profeta é elevada a uma posição de destaque. Esse dito não deve ser encarado como auto-proclamação. Isso não caberia bem nos lábios de um profeta, ainda mais de um profeta como Amós. Esse dito, no entanto, demonstra o valor atribuído pelos deuteronomistas à profecia e, em especial, à

---

<sup>60</sup> CERESKO, 1996, p. 132-133.

figura do profeta. Um falso profeta não apareceria bem na tradição deuteronomista, mas o profeta verdadeiro é conhecedor dos segredos de YHWH. Aliás, YHWH não fará nada sem primeiro avisar aos profetas. Também em Oséias há uma exaltação ao ministério profético, que provavelmente seja uma inserção deuteronomista desse período. Oséias 9.8 declara: “*O atalaia de Efraim junto ao meu Deus é o profeta, [...]*”. Como podemos constatar os deuteronomistas tinham o profeta em alta estima.

No esquema deuteronomista de contar a história, a profecia tem destaque por demonstrar que YHWH age na história de Israel. A profecia atesta isso. YHWH avisa através de uma profecia que irá agir. Israel, de forma geral não dá crédito ao profeta ou à profecia, depois vê o que foi profetizado se cumprindo através de uma ação divina.

[...] o propósito da História deuteronomista [...] era nada menos que explicar como Deus age no mundo, conforme se revelava particularmente na vida do povo de Israel. Ao executar esse projeto, a História Deuteronomista reflete sobre suas tradições e considera a forte influência profética das suas origens setentrionais. Um dos principais temas da obra é a profecia e o seu cumprimento. Esse cumprimento demonstra em particular a fidelidade de Deus a suas promessas. A promessa ou profecia é enunciada por um profeta e infalivelmente essa palavra profética se mostra efetiva.<sup>61</sup>

O profeta e a profecia têm lugar de destaque na OHD. Isso atesta que de fato houve uma participação ou influência de grupos deuteronomistas na redação dos textos de Oséias e Amós. A fidelidade de YHWH, a infidelidade de Israel, as profecias que se cumprem infalivelmente, a valorização das tradições do Norte são sinais da participação deuteronomista.

O exílio babilônico mereceu a profunda reflexão que os deuteronomistas empreenderam, porque foi um momento crucial para Judá/Israel. Após o exílio de Israel/Norte, Judá passou a receber as tradições de Israel, como já afirmamos anteriormente, e começou a ter consciência de que era a partir daí todo o “Israel”.<sup>62</sup> Contudo, as esperanças depositadas em Jerusalém e no templo foram arruinadas por Nabucodonosor. Este exílio aplicou o mais duro golpe desde então sobre Judá/Israel.

Muitos judaítas foram levados para a Babilônia. Em geral eram as pessoas envolvidas na vida política, líderes religiosos e artesãos. Além disso, há

<sup>61</sup> CERESKO, 1996, p. 129.

<sup>62</sup> GUNNEWEG, 2005, p. 187.

evidências de judaítas fugindo para o Egito, Moab, Amon e para a região da província de Samaria.<sup>63</sup> Milhares de judaítas foram mortos nos campos de batalha, executados pelos babilônios ou morreram de fome e peste. A população na região de Judá foi drasticamente diminuída. O cenário é o mais avassalador possível. Os campos e as cidades foram completamente destruídos. Israel nunca mais se ergueria como nação autônoma. Mas a comunidade israelita renasceu das cinzas. Ela conseguiu revitalizar-se e reconstruir sua identidade. O povo de Israel/Judá passou a se designar como judeu e sua comunidade centrada na religião passou a ser conhecida como Judaísmo. Da catástrofe Israel pôde extrair ânimo para se reencontrar historicamente como povo de YHWH. E isso passou pelo trabalho revisionista dos deuteronomistas.

Mas de certa forma o povo conseguiu, após duas ou três gerações, juntar os pedaços após a catástrofe e reconstruir e revitalizar a sua comunidade e estabelecer uma base para a sua vida e a sua identidade. Isso se deveu em boa parte aos antigos profetas, como Amós, Oséias, Isaías, Jeremias, e aos historiadores deuteronomistas, [...]<sup>64</sup>

Os deuteronomistas fizeram seu trabalho redacional na intenção de manter as expectativas, as esperanças e as tradições do seu povo, além de manter viva a fé em YHWH.

## **2.5 Quinta etapa da formação dos textos – A redação final, escatologia da salvação e influência apocalíptica**

A redação final, ou seja, a última etapa, a que dá a forma final aos livros de Oséias e Amós, aconteceu após o exílio babilônico, quando Israel começou a se restabelecer na Palestina, e estendeu-se até ao período grego no II séc. a.C. A comunidade de Yehud lançou mais uma vez seu olhar sobre as escrituras. Houve uma renovação na profecia, e os primeiros sinais da apocalíptica puderam ser notados. É natural que a influência apocalíptica gerada nos profetas clássicos fosse modesta. Em Oséias e Amós, o que podemos verificar são motivos apocalípticos. Como já anteriormente afirmamos, os livros de Oséias e Amós são livros proféticos que sofreram várias inserções ao longo dos séculos até receber sua derradeira influência, a inserção de textos apocalípticos.

---

<sup>63</sup> BRIGHT, 2003, p. 415.

<sup>64</sup> CERESKO, 1996, p. 229.

Porém, antes da apocalíptica, veio a escatologia. O termo escatologia deve ser tomado aqui para descrever a esperança israelita num futuro em que a história ou o mundo será transformado.<sup>65</sup> Por isso os profetas falavam de um novo tempo, de novo céu e uma nova terra, sem, contudo, falar de final definitivo do mundo. Para a escatologia israelita não haveria um fim, mas um recomeço.

A futura era da salvação era freqüentemente esperada como uma restauração da era antiga. [...] a profecia escatológica esperava não pela restauração, mas pela renovação da velha ordem. A era da salvação devia significar essencialmente uma renovação do mundo. Essas esperanças culminaram na predição de uma nova criação do cosmos.<sup>66</sup>

Além disso, o termo escatologia aplica-se também a um fenômeno literário pelo qual as expectativas e a cosmovisão escatológicas foram descritos. Dêutero-Isaías, Ageu e Zacarias são os principais representantes dessa abordagem profético-escatológica.<sup>67</sup>

O próprio arranjo dos livros de Oséias e Amós, inserindo anúncios de salvação no final de seus livros, pode ser entendido como uma influência clara do pensamento escatológico-salvífico pós-exílico. A idéia é que a salvação vem depois do juízo. Portanto, “[...] *ele quer mostrar que o sentido e o escopo último de tudo que acontece não é o juízo, mas a salvação*”.<sup>68</sup> O pensamento da escatologia da salvação deve ser buscado no período pós-exílico. Podemos deduzir que as catástrofes que envolveram Samaria e Jerusalém possibilitaram o desenvolvimento do pensamento de que YHWH iria mais uma vez salvar o seu povo. A esperança escatológico-salvífica podia ver raiar uma nova era na relação entre YHWH e seu povo.

A escatologia da salvação, no entanto, fracassou diante da realidade histórica do pós-exílio tardio, pois não ocorreram mudanças político-sociais significativas em Israel que possibilitassem sua autonomia. Seguiram-se aos babilônios os persas. Estes demonstraram certa simpatia com os judeus. Permitiram o retorno parcial dos exilados em Babilônia e autorizaram ainda a reconstrução do Templo e dos muros de Jerusalém. Mas a região da Judéia

<sup>65</sup> SCHREINER, 2004, p. 423.

<sup>66</sup> FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2006. p. 447-448.

<sup>67</sup> FOHRER, 2006, p. 438-439.

<sup>68</sup> SCHREINER, 2004, p. 399-400.

continuou província persa, sob a satrapia Transeufrates. Permaneceu sem autonomia política e sem possibilidade alguma de reavê-la. Depois, vieram os gregos sob Alexandre, os Ptolomeus e os Selêucidas. Estes últimos fizeram forte oposição aos judeus, especialmente Antíoco IV Epífanes (175 – 164 a.C.), que procurou helenizar os judeus. A política empregada para helenizar os judeus, no entanto, promoveu a revolta dos Macabeus que lutaram pela liberdade política da Judéia, alcançada somente em 129 a.C.

Neste período, formou-se a abordagem apocalíptica da vida, a última a ser registrada no Antigo Testamento. Depois do fracasso das esperanças escatológicas iminentes, no período do pós-exílio tardio, porque tudo permanecia como estava [...] extensos segmentos da comunidade tinham abandonado a escatologia, que se desenvolveu na apocalíptica, utilizando a teologia sapiencial e as influências estrangeiras, sobretudo o dualismo cósmico e ético do Irã.<sup>69</sup>

Nesse caminho surgiu a influência apocalíptica na formação tardia dos livros de Oséias e Amós. Os motivos apocalípticos falam daquela interferência infra-histórica de Deus. Se a escatologia pensa num recomeço, a apocalíptica gesta uma esperança de redenção final realizada por Deus fora da história.

Esses apocalipses procuravam revelar os mistérios do eschaton e ofereciam revelações concernentes à vinda e passagens de épocas do mundo, de modo que se podia determinar tanto a data em que toda a história chegaria a um fim [...]. Estabelecia-se um contraste entre a história do mundo como um todo e o reino de Deus, que seria inaugurado depois de um julgamento futuro. Esse dualismo da divindade e do mundo estava associado às idéias da dissolução do mundo existente [...]. Assim, a mais antiga profecia era, finalmente, substituída por novos modos de pensar e crer.<sup>70</sup>

O mundo possível para o surgimento da apocalíptica só pode ser encontrado em um período muito posterior ao exílio babilônico, “o verdadeiro e próprio mundo apocalíptico se desenvolveu no tempo posterior ao exílio”.<sup>71</sup> Os textos escatológicos podem ou não ser de influência tardia. Já os textos apocalípticos devem todos ser vistos como tendo origem pós-exílica tardia.

É evidente que essa influência é modesta. Não se deve imaginar que possa ser encontrado um esboço sistemático de escatologia e apocalíptica na

---

<sup>69</sup> FOHRER, 2006, p. 479.

<sup>70</sup> FOHRER, 2006, p. 479-480.

<sup>71</sup> SCHREINER, 2004, p. 420.

profecia de Oséias ou de Amós. Um desejo em encontrá-lo seria um absurdo. Contudo, os motivos apocalípticos estão ali, mais ou menos perceptíveis. Os motivos apocalípticos são modestos, não passando de alguns versos como será demonstrado no próximo capítulo, destinado a discutir exclusivamente os possíveis textos apocalípticos em Oséias e Amós.

## **2.6 Retrospectiva**

As anotações que o texto vai recebendo são importantes para melhor compreendermos o sentido de cada momento dos livros. As palavras de Oséias e Amós perfazem a maior parte dos textos, e apareceram do trabalho de seus “discípulos” que primeiro reproduziram os oráculos de forma oral (em memórias). Depois essas memórias foram transformadas em panfletos, que em seguida, seriam unidos por temas. Daí, as influências se tornaram mais distantes (no sentido histórico). Vieram primeiro com a queda de Samaria e a adaptação para a comunidade judaíta. Depois os deuteronomistas também fizeram a sua parte no período do exílio e, por fim, textos da escatologia da salvação e apocalípticos apareceram no horizonte textual desses profetas.

Estas influências foram sutis e modestas, mas suficientes para encorpar os textos de Oséias e Amós e torná-los acessíveis a outras gerações. Uma vez que a mentalidade dos judeus passou por mudanças, foi necessário que também os textos, enquanto ainda em formação, sofressem adaptações. Essa, sem dúvida, deve ter sido a motivação para a formação das camadas literárias e as releituras da profecia.

## 3 Textos apocalípticos

### 3.1 Textos apocalípticos em Oséias

#### 3.1.1 O dia de Jezrael

*E acontecerá, naquele dia:  
eu quebrarei o arco de Israel no vale de Jezrael.*  
Oséias 1.5

*Os filhos de Judá e os israelitas se reunirão,  
constituirão para si um único chefe  
e se levantarão da terra,  
porque será grande o dia de Jezrael.*  
Oséias 2.2

*Farei em favor deles, naquele dia,  
um pacto com os animais do campo,  
com as aves do céu  
com os répteis da terra.*  
*Exterminarei da face da terra o arco  
a espada  
a guerra;  
fá-los-ei repousar em segurança.*  
Oséias 2.20

Estes três versos parecem pertencer a mesma tradição. Eles falam do dia de Jezrael, “daquele dia”, que provavelmente se refere ao Dia de YHWH. Se assim for, o dia de YHWH foi descrito nesses textos de maneiras distintas. No verso 1.5, o dia de YHWH será um dia de guerra no vale de Jezrael. Jezrael, juntamente com o Meguido era uma rota de comunicação entre o Egito e a Assíria e, portanto, destinado a guerras. O vale de Jezrael tornou-se um lugar clássico para as guerras na Palestina antiga. Será neste vale, segundo o texto, que YHWH quebrará o arco de Israel, naquele dia. Isso nos remete às figuras embrionárias das guerras apocalípticas em que o próprio YHWH descenderá para confrontar o povo de Israel. Ao que tudo indica, este texto, assim como outro texto em Amós (Am 5.18ss), denuncia que o dia de YHWH será um dia de juízo para Israel e

conseqüentemente, um dia de trevas. Será um dia em que o povo não terá a possibilidade da fuga.

O verso 2.2 descreve o dia de Jezrael de maneira ligeiramente diferente. Neste texto, o dia de Jezrael é um dia em que as duas nações, anteriormente divididas, se reunirão sob o comando de um único chefe, talvez uma possível menção ao rei-messiânico escatológico da casa de Davi, como ele sempre é representado nos recentes textos apocalípticos.<sup>72</sup> Judá e, provavelmente, também Israel, alimentava a esperança de um novo Davi, alguém que reunisse todas as virtudes daquele antigo rei, que conseguiu unificar a nação após o “reinado tribal” de Saul. Cada vez mais essa esperança foi se tornando uma expectativa escatológica.

O tema da reunificação das nações Judá e Israel apresentado neste texto de Oséias também possui características apocalípticas. No apocalipse de Isaías (Is 24-27) o tema é descrito da seguinte forma:

Sucedará que naquele dia lahweh fará uma debulha, desde a corrente do Rio até o canal do Egito, e vós, israelitas, sereis respigados um por um. Sucedará que naquele dia se tocará a trombeta, e os que andam perdidos na terra da Assíria, bem como os que estão desterrados na terra do Egito, virão e adorarão lahweh no monte santo, em Jerusalém.<sup>73</sup>

Este texto de Isaías é um dos mais tardios do livro, tendo sido escrito por volta do século V a.C. O texto fala da reunificação de Israel e Judá após o toque da trombeta de YHWH. Semelhantemente, Oséias descreve este acontecimento apocalíptico juntamente com a expectativa do surgimento do rei-messiânico davídico na figura do único chefe.

O terceiro oráculo de Oséias acerca do dia de Jezrael descreve-o como o estado paradisíaco messiânico apocalíptico. Os homens conviverão tranquilamente com as bestas feras do campo, e a guerra não mais existirá. O estado paradisíaco, interrompido nas origens pela queda do homem, será restaurado. Esse interesse pela renovação das coisas passadas é recorrente nos apocalípticos, especialmente no livro apocalíptico de Enoch, em que o anjo intérprete revela a Enoch os acontecimentos pré-diluvianos para conduzi-lo a compreensão das coisas que

<sup>72</sup> JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Teológica, 2004. Enoque Etíope 45.3; 4Esdras 13.3, falam do filho do homem glorioso que se revelará “naquele dia” e que aparecerá, voando nas nuvens do céu. p. 387.

<sup>73</sup> Isaías 27.12,13.



ainda não de ocorrer.<sup>74</sup> Parece que nesse oráculo Oséias vislumbra essa restauração dos tempos primevos, tema que se mostrará profícuo tanto nos profetas quanto nos apocalípticos.<sup>75</sup>

Nossa perspectiva é que este “dia de Jezrael” descrito por Oséias como sendo “aquele dia” é uma referência ainda embrionária do apocalíptico “dia de YHWH”.

### 3.1.2 Fim dos dias

*Depois disso os israelitas voltarão e  
procurarão  
a lahweh, seu Deus, e  
a Davi, seu rei;  
Voltarão tremendo  
a lahweh e  
a seus bens*

*no fim dos dias*  
Oséias 3.5

Mais uma vez, Oséias descreve o retorno de Israel em direção a YHWH e a Davi, ou seja, à casa davídica. Este texto possui fortes indícios de que é de influência da escola judaíta. A descrição do retorno de Israel, não mencionando nada sobre um retorno de Judá, a YHWH, e Israel voltando para “Davi, seu rei”, isso certamente querendo referir-se à casa de Davi, ou seja, Israel voltando ao redil judaíta, provavelmente seja uma indicação de influência judaíta. Algo que ocorreu na terceira fase da formação do texto de Oséias.

Contudo, a presença da expressão “no fim dos dias” neste oráculo nos leva a suspeitar da provável influência apocalíptica neste texto. A apocalíptica é marcada pela expectativa do “fim dos dias”.<sup>76</sup> Essa expressão pode estar de alguma forma associada ao “dia de YHWH”. Se for assim, o “fim dos dias” será o terrível “dia de YHWH”, que, na linguagem de Oséias, é o “dia de Jezrael”. Na literatura bíblica genuinamente apocalíptica encontramos algo parecido. Em Daniel

<sup>74</sup> LIVRO de Enoch. In: Apócrifos III: os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1995. p. 101ss.

<sup>75</sup> Jeremias 31.12,13;Ezequiel 34. 25,26; Joel 2.19-24; Zacarias 8.12,13; dentre outros.

<sup>76</sup> SOUSA, Ágabo Borges de. *O Fim do mundo no livro de Daniel: a esperança do novo*. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, n. 59, p. 24-28, 1998.

está a expressão “o tempo do fim” (Daniel 11.40 e 12.4). Certamente as expressões são distintas, porém se assemelham no tema: o fim dos dias.

Os oráculos “originais” de Oséias estão muito distantes dessa expectativa pelo fim dos dias. Talvez o reaparecimento da Assíria no horizonte internacional da época, com sua política bélico-expansionista, pudesse gestar, e certamente gestou<sup>77</sup>, oráculos que vaticinassem o exílio, o fim dos dias para Israel sendo levado ao exílio. No entanto, este fim seria condicionado a Israel. Todavia, não é o que parece mencionar o texto. O texto fala de um tempo “depois disso”, ou seja, depois do exílio, depois de um longo cativeiro político-religioso. As imagens se nos parecem remeter a essa condição. O retorno de Israel a YHWH e à casa davídica, por isso, nos parece um tema messiânico, algo que acontecerá no “fim dos dias”.

Outra característica que nos leva a suspeitar da natureza apocalíptica da expressão “fim dos dias” em Oséias é que a profecia clássica não vislumbra um fim. Para a profecia o que existe é um recomeço, um novo tempo. Já a apocalíptica contempla o fim. Percebe-se no verso uma intenção de restauração messiânica de todo o Israel. O texto não menciona o juízo contra Judá, algo que já discutimos apresentando a influência judaíta ao texto. Todavia, sente-se a expectativa de que no fim dos dias, Israel retornará para YHWH.

Seja como for, acredito que o verso possua influência de dois momentos distintos em sua composição. O momento da participação judaíta adaptando o texto ao seu modo de ler e à incipiente literatura apocalíptica. O redator final teve precioso cuidado em amalgamar essas duas tradições tão distintas, de maneira a dar impressão de uma única composição. Em nosso caso, esse fragmento de literatura apocalíptica é que demonstra a modesta influência dessa forma literária nos antigos profetas clássicos.

### 3.1.3 A lua nova lhes devorará os campos

*Traíram a lahweh,  
pois geraram filhos bastardos,  
por isso agora a lua nova lhes devorará os campos*

Oséias 5.7

---

<sup>77</sup> Oséias 9.1ss.

Este texto denuncia a idolatria de Israel: “Traíram a YHWH”. O juízo divino que se segue possui uma linguagem distinta: “a lua nova lhes devorará os campos” ou “lhes devorará com as suas porções”.<sup>78</sup> Desconfio que esta sentença possua uma estrutura apocalíptica. Não restam muitas dúvidas de que a expressão “lua nova” (שִׁטָּה) seja uma referência ao primeiro dia do mês lunar israelita em que se comemorava, com muitos sacrifícios e oferendas, a festa da lua nova. O que chama a atenção e nos desperta a suspeita é a idéia de a lua nova devorar quer seja os campos, quer seja os “filhos bastardos”. Esse tipo de metáfora supranatural é típico da apocalíptica em, que a natureza assume dimensões irreais para cumprir o juízo divino. Na profecia, a natureza não assume ares destruidores como acontece na apocalíptica. Neste texto, a “lua nova” cumprirá o castigo de YHWH.<sup>79</sup>

Aceitamos que a expressão “lua nova” possa se referir a iminência do castigo divino, ou seja, de que na próxima festa da lua nova, ou, simplesmente, no próximo mês, Israel sofrerá a ruína. E este sentido de iminente castigo, ao lado da idéia de catástrofe supranatural, reforça nossa suspeita de inserção de literatura apocalíptica neste verso. A apocalíptica apresenta, de modo geral, uma impaciência para o fim. O castigo de YHWH não pode demorar. A ira de Deus deve vir sobre os ímpios o quanto antes. Este tipo de linguagem expectante se tornou característica da linguagem apocalíptica e chegou até aos dias do Novo Testamento.<sup>80</sup> A mensagem do Batista, por exemplo, fala da chegada do reino dos céus de maneira tão iminente quanto o de um lance de machado sobre a raiz da árvore.<sup>81</sup> O apocalíptico está à espera do fim ou do juízo divino.

Há também, todavia, neste texto uma crítica às festas e solenidades israelitas. Outros profetas do VIII século proferiram críticas semelhantes: “vossas luas novas e vossas festas, minha alma as detesta” (Isaías 1.14); “Eu odeio, eu desprezo as vossas festas e não gosto de vossas reuniões” (Amós 5.21); “Terá lahweh prazer nos milhares de carneiros ou nas libações de torrentes de óleo?” (Miquéias 6.7). No entanto, nenhum deles menciona em suas críticas ao culto um juízo do tipo apocalíptico como o faz o texto de Oséias. Isto é para nós mais um indício de que a crítica ao culto em Oséias está carregada de sentido apocalíptico.

<sup>78</sup> Bíblia Almeida Versão Revista e Atualizada – 2. ed. – 1993. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

<sup>79</sup> SCHWANTES, Milton. *A Lua Nova devorará as suas Heranças: Observações sobre Oséias 5.1-7*. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, n. 73, p. 08-19, 2002.

<sup>80</sup> Mateus 3.10.

<sup>81</sup> GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003.

Nos outros profetas, a censura busca conduzir os adoradores a uma espécie de culto moral, ou religião espiritual, enquanto em Oséias a profecia ganha ares de destruição, e não de simples “conversão”. Os campos e, talvez, o próprio povo será devorado pela lua nova. Como se vê, essa linguagem está aparentemente associada ao apocalipsismo.

### 3.1.4 Onde está, ó Xeol, o teu flagelo?

*Deveria eu livrá-los do poder do Xeol?*

*Deveria eu resgatá-los da morte?*

*Onde estão, ó morte, as tuas calamidades?*

*Onde está, ó Xeol, o teu flagelo?*

*A compaixão se esconde de meus olhos.*

Oséias 13.14

Este texto nos apresenta algumas situações interessantes. Primeiro, a tradução do texto possui forte divergência entre as versões modernas e as mais conservadoras. A tradução da Bíblia de Jerusalém (BJ), que é utilizada como texto base nesta pesquisa, apresenta um sentido interrogativo para a primeira parte do verso, enquanto a tradução Almeida Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil (ARA) apresenta um sentido afirmativo para o texto: “*Eu os remirei do poder do inferno e os resgatarei da morte...*”. Não é objeto dessa pesquisa elucidar as divergências nas versões. Porém, ressaltamos que as versões apresentam sem dúvida sentidos distintos e que optamos pela versão da Bíblia de Jerusalém, pois, a nosso ver, o sentido interrogativo é melhor contextualizado com o restante da perícopé.

Outra questão é que compreendemos este verso como uma glosa à perícopé dos versos 13.12-15, 14.1 (BJ). Esta glosa pertence à última fase da composição do livro de Oséias, portanto, o período pós-exílico tardio. Ela conserva o sentido de juízo que perfaz toda a perícopé. No entanto, pode-se perceber uma mudança abrupta na linguagem. O verso 13 fala de um juízo associado as dores do parto e de um filho néscio que não abandona o seio materno. O verso 15 vaticina sobre Efraim que será arrasado por um vento oriental. Já o verso 14 rompe com esta linguagem e pronuncia castigos que virão do inferno (**לְיָמֵי שְׁאוּל**-Sheol): “*Deveria eu livrá-los do poder do Xeol?*”. A questão que se levanta é: qual o sentido da

palavra Xeol? Para alguns, a palavra tem o sentido de sepultura. Para outros, pode significar o inferno, lugar de suplício.<sup>82</sup> Argumenta-se, no entanto, que um ensino sobre vida futura só ocorre no Antigo Testamento em textos intertestamentários como Daniel 12.2 e no Tríto-Isaías 26.19.<sup>83</sup> Sendo assim, a expressão Xeol, significando um lugar de onde poderes como flagelo e calamidades podem ser evocados, deve ser compreendido no sentido de inferno, e, portanto, de origem tardia.

Mais uma vez encontramos em Oséias um verso que possui características razoavelmente apocalípticas. O juízo divino pronunciado na perícopé seria suficiente para esclarecer a intenção de YHWH em castigar Israel, entretanto o texto sofreria ainda uma sensível influência da literatura apocalíptica ressaltando o poder de YHWH sobre o mundo subterrâneo dos mortos. Este lugar, como já anteriormente afirmamos, é um lugar de flagelos e calamidades.

Os anjos [...] Eram ao todo uns duzentos. [...] Amarra Azazel de mãos e pés e lança-o nas trevas! Cava um buraco no deserto de Dudael e atira-o ao fundo! [...] cobre-o de escuridão! Deixa-o permanecer lá para sempre [...] eles serão atirados ao abismo de fogo, na reclusão e no tormento, onde ficarão encerrados para todo o sempre.<sup>84</sup>

Na apocalíptica há ampla alusão a anjos e demônios. O céu seria povoado por anjos e o inferno seria habitado por demônios. O Xeol de Oséias se assemelha a este lugar descrito na literatura apocalíptica.

YHWH é senhor do Xeol. YHWH dá ordens ao Xeol contra Israel. O Xeol, a morte, flagelos e calamidades são convocados a castigar Israel. Tornam-se instrumentos de Deus para punir. Assim a literatura apocalíptica demonstra a soberania de YHWH sobre os poderes espirituais.

A influência apocalíptica se apresenta sutil, mas sensivelmente perceptível na estrutura do livro de Oséias. Acreditamos que os argumentos apresentados para demonstrar que os textos selecionados possuem características apocalípticas evidenciam nossa hipótese de que houve inserção dessa literatura na formação final do livro de Oséias. Agora passaremos a expor as argumentações acerca do livro de Amós.

---

<sup>82</sup> HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1503. Verbete שְׁאוֹל (Sheol)

<sup>83</sup> HARRIS, 1998, p. 1502. Verbete שְׁאוֹל (Sheol)

<sup>84</sup> Apócrifos III, 1995, p. 119, 120, 122.

## 3.2 Textos apocalípticos em Amós

### 3.2.1 Secará o cimo do Carmelo

*Ele disse:*

lahweh rugirá de Sião,

*de Jerusalém levantará sua voz,  
e murcharão as pastagens dos pastores,  
e secará o cimo do Carmelo.*

Amós 1.2

Este texto apresenta algumas características interessantes para a nossa discussão. Pode-se compreender este texto como sendo uma narrativa do período de influência da comunidade judaíta. Afinal o texto parece exaltar Jerusalém. É de lá, da capital judaíta, que se ouve a voz de YHWH consumindo os montes e as pastagens. Este texto pode de fato ter sua origem nesse período. No entanto, a conclusão do texto parece nos remeter para um período mais recente, e por isso pode ter sofrido influência apocalíptica. Nossa hipótese está em que essa voz insuportável de YHWH, voz avassaladora, não combina com as idéias mais remotas de Israel sobre YHWH. Além disso, como já argumentamos anteriormente, a linguagem apocalíptica ultrapassa o senso da realidade, alcançando uma dimensão cósmica e transcendente. Uma voz que derrete o monte, que devasta a natureza, combina com a idéia apocalíptica de catástrofes supranatural.

A glória de Jerusalém também é um tema apocalíptico. É verdade que, para Judá, Jerusalém era muito importante, e ali YHWH habitava. Mas a Jerusalém pré-exílica não era ainda uma unanimidade. Havia um templo central em Jerusalém, mas isso não significava templo único. Havia vários outros templos em Judá e em Israel. No período pré-exílico, a voz de YHWH bem poderia ser ouvida de Betel, ou de Siló, ou ainda de Siquém. Porém, isso não ocorreria no período pós-exílico, uma vez que nesse período o templo de Jerusalém assume lugar de único centro de adoração a YHWH. Ela torna-se a cidade do grande Rei, a esperança da renovação estatal. A Jerusalém apocalíptica apresenta características celestiais.<sup>85</sup>

[...] a cidade futura que eu anunciei, já anteriormente preparada, desde o tempo em que decidi criar o Paraíso. Eu mostrei-a a Adão antes da queda em pecado; ela foi-lhe tirada juntamente com o Paraíso, [...] Mostrei-a

---

<sup>85</sup> Apocalipse 21.2.

também a meu servo Abraão, naquela noite, entre as oferendas partidas ao meio. Mostrei-a a Moisés no monte Sinai, onde lhe expliquei a imagem do tabernáculo [...] Assim, ela continuará preparada na minha mente, juntamente com o Paraíso.<sup>86</sup>

Imagino que seja dessa Jerusalém que se ouve a poderosa e devastadora voz de YHWH.

### 3.2.2 Prepara-te, ó Israel

*Portanto, assim te farei, ó Israel!  
E, porque isso te farei, prepara-te, ó Israel,  
para te encontrares com o teu Deus.*

*Porque é ele*

*quem forma os montes,  
e cria o vento,  
e declara ao homem qual é o seu pensamento  
e faz da manhã trevas  
e pisa os altos da terra;*

*Senhor, Deus dos Exércitos, é o seu nome.*

Amós 4.12-13

A linguagem profética sofre uma mudança abrupta nos versos 12 - 13, de forma que se pode apontá-lo como um texto apocalíptico. O capítulo 4 de Amós é composto por quatro perícopes: 4.1 – 3; 4.4 – 5; 4.6 – 11; e, 4.12 – 13. As três primeiras perícopes são de juízo contra grupos específicos de Israel e terminam com a mesma expressão: “...oráculo de YHWH” delimitando o encerramento da perícopie.<sup>87</sup>

Os juízos das três primeiras perícopes, ainda que pronunciados de forma metafórica, devem ser encarados como interferências históricas de YHWH. A história aqui é utilizada para comprovar a ação de YHWH. Isso pode ser demonstrado: As mulheres serão lançadas para o Hermom, (Norte, Síria, Assíria) isso é exílio; “dentes limpos”, “falta de pão”, “falta de chuva perto da colheita”, “falta de água”, “a plantação devorada por gafanhotos”, “pestes”, “derrubou Israel” são alusões claras a fome, seca, escassez, doenças e o terremoto que veio sobre Israel nos tempos de Jeroboão. Não há nenhum registro de atividades meta-históricas. Mas YHWH faz uso da natureza e de nações inimigas (Assíria

<sup>86</sup> APOCALIPSE de Baruch. In: Apócrifos III: os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1995. p. 304.

<sup>87</sup> Amós 4.1 – 13.

para conduzir Israel para o Hermom, ou para além de Damasco) como instrumentos do seu castigo.

Já o encontro com YHWH é ainda mais terrível e não acontecerá na esfera histórica. YHWH invadirá o mundo dos homens pisando pessoalmente os montes da terra e estabelecendo um ambiente de trevas e terror. Essa transcendência de YHWH é típica da linguagem apocalíptica. YHWH pode destruir, pois foi ele quem criou. YHWH pode julgar, porque ele conhece os pensamentos dos homens. YHWH dos Exércitos é o seu nome.

Essa figura de YHWH invadindo a história é própria da apocalíptica. O profetismo pensa num recomeço: Deus purificando o povo para habitar entre eles. Já a apocalíptica vê uma imersão do divino na história humana, de forma que as coisas transitam do histórico para o meta-histórico. Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com YHWH, teu Deus, pois ele pisa os montes, cria os ventos, transforma luz em trevas e castigará Israel.

Ainda podemos associar este encontro entre YHWH e seu povo com o dia de YHWH. Como o próprio Amós virá afirmar posteriormente, este dia será um dia de trevas e de angústias. O homem não poderá escapar da ira de Deus. A Imagem que este verso nos desperta é justamente essa: Israel deve se preparar, porque o encontro com YHWH será terrível, será uma declaração de juízo de Deus sobre o povo.

### 3.2.3 Ele que faz as Plêiades e o Órion

*Procurai o que faz as Plêiades (Sete-Estrela) (כִּימָה)  
e o Órion,(לִילִי)  
e torna a densa treva em manhã,  
e muda o dia em noite;  
o que chama as águas do mar  
e as derrama sobre a terra;*

*lahweh é o seu nome.*

*É ele que faz vir súbita destruição sobre o forte  
e ruína contra a fortaleza*

Amós 5.8,9

O texto em questão é um glosa evidente, e que deve ter sido acrescentada com fins litúrgicos. A perícopé Amós 5.8,9 gera uma separação entre a proclamação dos pecados dos versos 5.4 a 7, e a condenação dos



versos 5.10 a 13. Isso deixa manifesto que o texto em questão não faz parte da tradição mais antiga de Amós.

Uma das camadas literárias sugerida como inserção posterior é a chamada releitura doxológica. Em Amós temos pelo menos três acréscimos com objetivos hínicos, ou seja, dar ao texto de Amós características litúrgicas (Amós 4.13; 5.8-9;9.5-6). Com razão, poderemos afirmar que este verso é um acréscimo ao texto de Amós.<sup>88</sup>

O modo falante da perícopa é apocalíptico, pois, mais uma vez, encontramos o falar transcendente de YHWH que cria as constelações. E não somente isso, mas YHWH também é aquele que convoca as águas diluvianas para serem derramadas sobre a terra e transforma o dia em trevas e as trevas em dia. São catástrofes de dimensões apocalípticas. É possível que “trevas em manhã” e “dia em noite” sejam referências a um eclipse e que por seu aspecto misterioso trazia a impressão da ação divina.

Os apocalípticos eram cientistas por assim dizer. Estudavam várias áreas do saber. O desejo pelo conhecimento astronômico não fazia parte dos interesses dos profetas. Porém, os apocalípticos estavam totalmente interessados no conhecimento “científico”:

E por acaso não é que estes homens foram cientistas no sentido estrito do termo, ocupando-se de problemas astronômicos e cosmológicos [...] A paixão que predomina nos livros apocalípticos, até nos seus aspectos mais secundários, é a paixão pelo conhecimento. [...] Essa área compreende os ramos da astronomia, [...] <sup>89</sup>

Deduzimos daí que esta alusão às Plêiades e ao Órion só pode ter sido inserida por redatores que estudavam os astros. Além disso, essa influência precisa necessariamente ser tardia, pois a linguagem é grega. Tanto as Plêiades quanto Órion estão diretamente associados à mitologia grega. Esta alusão provavelmente foi inserida aí por influência apocalíptica.

Sendo assim, esse texto deve ter sido adicionado por questões litúrgicas e aproxima o leitor, de um período posterior ao III século a.C, ao texto e tradições mais antigas do livro de Amós.

---

<sup>88</sup> SCHWANTES, 2004, p. 140-141.

<sup>89</sup> RAD, 2006. p. 724-725.

### 3.2.4 O dia de YHWH

*Ai daqueles que desejam o dia de lahweh!*

*Para que vos servirá o dia de lahweh?*

*Ele será trevas e não luz.*

*Como alguém que foge de um leão,  
e um urso cai sobre ele!*

*Ou que entre em casa, coloca a mão na parede  
e a serpente o morde!*

*Não é o dia de lahweh trevas e não luz?*

*Sim, ele é escuridão sem claridade.*

Amós 5.18-20

O conceito que define a compreensão do “dia de YHWH” passa por três estágios distintos, um pré-exílico; outro durante o exílio; e um terceiro momento no pós-exílio. Vejamos isso mais detalhadamente:

#### 3.2.4.1 O conceito do “dia de YHWH” no período anterior ao exílio Assírio-Babilônico

A primeira ocorrência da expressão “dia de YHWH” aparece justamente nos profetas clássicos. Ela expressa o sentido do dia de ira: será um dia de massacre, de lágrimas e terror. A concepção profética opõe-se à concepção orgulhosa de Israel que espera uma intervenção favorável a si.

Os profetas Isaías (Is 2.6-21) e Jeremias (Jr 30.5-7) contemplaram este dia em que YHWH castigaria Israel/Judá por seus pecados. Para os profetas este dia não deveria ser desejado, pois suas conseqüências seriam desastrosas. É evidente que YHWH oferecia uma oportunidade de conversão, e, então, o castigo seria anulado. Ao que parece, no entanto, Israel e Judá não deram crédito à predição dos profetas.

#### 3.2.4.2 O conceito do “dia de YHWH” durante o Exílio Babilônico

A expressão “dia de YHWH” no período do exílio possui uma outra concepção. Para a comunidade judaíta que estava passando pelas adversidades do exílio, o dia de YHWH só poderia significar esperança. O dia de YHWH é o dia da vingança contra as nações opressoras (Ob 15): contra o Egito (Is 19.16), contra a Babilônia (Jr 50.27), contra Filistéia (Jr 47.4) e contra Edom (Is 63.4).

Israel vislumbra o fim do cativo e o castigo das nações opressoras. O dia de YHWH será para Israel o sinal de sua eleição. Este dia marca a

restauração de Israel. Este dia marca o cumprimento da promessa de que Israel/Judá seriam transportados de volta para sua terra, a terra prometida. As nações pecadoras é que deveriam pagar por seu pecado, ou seja, humilhar Israel e zombar do seu Deus. O dia de YHWH assume a característica de dia terrível para as nações e dia de esperança para Israel.

#### 3.2.4.3 O conceito do “dia de YHWH” no período pós-exílico

O dia de YHWH assume um novo conceito no período pós-exílico. As características principais desse novo conceito são: universalismo<sup>90</sup>, novo dualismo de juízo que antagoniza o justo e o injusto<sup>91</sup> e a manifestação de sinais cósmicos.<sup>92</sup> A conceituação do dia de YHWH tende a cada momento inserir mais nações no julgamento de forma que nações antes desconhecidas pelos profetas clássicos aparecem no período pós-exílico como alvo do terrível dia de YHWH. Já na questão do julgamento ele aparece para proporcionar o triunfo dos justos e a ruína dos pecadores. Israel e as nações opressoras não são mais o centro da atenção do dia de YHWH, mas os justos e os injustos preconizam o lugar do juízo. As manifestações de sinais cósmicos aparecem como influência direta do apocalipsismo. As manifestações da natureza ultrapassam o limite da terra e alcançam esferas cósmicas em que estrelas são precipitadas à terra, o sol e a lua perdem o brilho. Fica evidenciado assim que o conceito recebe uma nova roupagem nesse período.

#### 3.2.4.4 Resumo sobre os conceitos do “dia de YHWH”

O dia de YHWH passa por vários estágios significativos. Em cada momento ocorre uma releitura apropriada à situação histórica. O dia de YHWH não é uma elaboração estática, mas um conceito que evolui de acordo com as necessidades interpretativas. O texto sugerido como apocalíptico (Amós 5.18 – 20) apresenta esse dinamismo hermenêutico e, por isso, pode ser confundido com o conceito pré-exílico, mas sua essência é apocalíptica. Afinal o juízo é sem misericórdia, não há para onde fugir, e o dia de YHWH será trevas, e não luz,

---

<sup>90</sup> Cf. Isaías 26.20-27.1; 33.10-16.

<sup>91</sup> Cf. Malaquias 3.19-23; Jó 21.30.

<sup>92</sup> Cf. Sofonias 1.15; Habacuque 3.6; Joel 2.10-11.

densa escuridão, numa ausência completa de claridade. Esses elementos nos levam a entender este texto como genuinamente apocalíptico.

### 3.2.5 YHWH que toca a terra e faz o céu

*O Senhor lahweh dos Exércitos...*

*Aquele que toca a terra e ela vacila,  
e ficam de luto todos os que habitam nela;  
toda ela se levanta como o Nilo,  
e depois desce como o Nilo do Egito.  
Aquele que constrói nos céus suas altas moradas  
e funda na terra a sua abóbada;  
Aquele que chama as águas do mar  
e as derrama sobre a face da terra.  
lahweh é o seu nome!*

Amós 9.5-6

Este texto também apresenta características apocalípticas. Ele foi introduzido posteriormente para fins litúrgicos. Sua forma de falar acerca do Eterno é típica do período intertestamentário, período este em que os conceitos apocalípticos estavam nascendo e se difundindo. A idéia de Deus tocando a terra e ela se derretendo demonstra uma ação devastadora e poderosa de Deus. Anteriormente um conceito semelhante foi apresentado no qual YHWH fala de Jerusalém e a consequência era o derretimento do Carmelo. Novamente a voz de YHWH é insuportável para a terra. Ele fala, e ela vacila, treme. De uma forma terrível, a mortandade segue a voz de YHWH. Após seu pronunciamento os habitantes ficam de luto.

Deus é apresentado ainda como aquele que constrói as câmaras celestiais, os degraus dos altos céus. Os apocalípticos concebiam o céu como um palácio, em que Deus, como soberano Rei, cercado de uma corte angelical governa o mundo. Ele não constrói sua habitação nas montanhas, como supostamente faziam os deuses dos panteões mitológicos, mas, antes, Ele estabelece sua morada nos céus.

[...] e mostraram-me o Senhor ao longe, sentado em seu trono muito alto. [...] No décimo céu está Deus, na língua hebraica ele é chamado Aravat. E todas as hostes celestiais viriam e ficariam nos dez degraus, de acordo com sua posição, e se curvariam ao Senhor [...]<sup>93</sup>

<sup>93</sup> LIVRO dos segredos de Enoch. In: Apócrifos: os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1992. p. 35,36.

Por fim, YHWH retém a chuva e a derrama. Ele represa o mar. Ele controla as águas do abismo caótico. As águas, como instrumento do juízo de YHWH, podem ser destruidoramente diluvianas. Deus é apresentado de uma forma extraordinariamente cósmica, criador e destruidor, construtor e avassalador, que retém e derrama. Essas descrições de Deus, no texto de Amós, nos remetem à definição apocalíptica de YHWH.

### 3.2.6 YHWH restaura o reino davídico

*Naquele dia levantarei a tenda desmoronada de Davi,  
repararei as suas brechas, levantarei as ruínas,  
e a reconstruirei como nos dias antigos,  
para que conquistem o resto de Edom  
e todas as nações,  
sobre as quais o meu nome for proclamado,  
oráculo de lahweh, que realiza estas coisas.  
Eis que virão dias – Oráculo de lahweh – em que  
aquele que semeia estará próximo daquele que colhe,  
aquele que pisa as uvas, daquele que planta;  
as montanhas destilarão mosto  
e todas as colinas derreter-se-ão.  
Mudarei o destino do meu povo, Israel; eles  
reconstruirão as cidades devastadas e as habitarão,  
plantarão vinhas e beberão o vinho,  
cultivarão pomares e comerão os seus frutos.  
Eu os plantarei em sua terra  
e não mais serão arrancados de sua terra, que eu lhes dei,  
disse lahweh, teu Deus.  
Amós 9.11-15*

Este texto possui duas camadas relativamente definidas. A primeira camada pertence ao período do Exílio Babilônico. Algumas citações denunciam isso: a restauração da tenda desmoronada de Davi, a conquista de Edom, e o restabelecimento de Israel. Estes detalhes do texto nos impõem a compreensão de que estes pronunciamentos proféticos são expectativas claras do período do Exílio, no qual Judá e Israel estavam arrasados, bem como Jerusalém estava em escombros.

A segunda camada é muito mais sutil e pertence ao período grego. As características são apocalípticas. Algumas referências podem esclarecer melhor este pormenor: a conquista de todas as nações onde o nome de YHWH foi proclamado é uma menção à diáspora judaica e à expectativa de uma conquista mundial. Esta expectativa pode ter fins religiosos, pois fala de uma proclamação

do nome de YHWH, mas seja, como for, demonstra uma perspectiva universalista da fé israelita.

Outro fato apocalíptico interessante é a questão da abreviação do tempo, a expectativa de que as coisas acontecerão eminentemente. As coisas acontecerão mais rapidamente. O tempo passará repentinamente. O que semeia estará próximo do que colhe, o que faz o mosto estará próximo do que planta. Naquele dia, o tempo será abreviado. Essa divisão dos tempos seguida da sua abreviação gera a suspeita da influência apocalíptica nesse texto.

Mais uma vez a linguagem profético-apocalíptica do texto de Amós nos remete a transcendência de YHWH e de sua avassaladora ação em derreter os montes. A idéia é que os montes serão aquecidos a tal ponto que o mosto será destilado. O que se pretende separar nesse processo? Pensamos que seja a separação entre justos e ímpios. Depois da abreviação do tempo virá a purificação do mundo.

Segue-se que, nos dois próximos versos, a linguagem muda para promessa. O juízo tematiza os versos 11-13, e a promessa aparece nos versos 14 e 15. As promessas, no entanto, nos parecem pertencer à formação exílica do texto, pois discorrem sobre o retorno à terra, à reconstrução das cidades destruídas, a plantações e campos que foram devastados e agora voltam a produzir, etc. Essa temática nos remete às promessas àqueles que estavam no exílio.

Como podemos perceber, este texto possui camadas sutilmente amalgamadas. É um trabalho muito bem feito pelo redator final do texto que conjugou tradições exílicas e apocalípticas na mesma perícopie.

As argumentações apresentadas nos permitem afirmar que também no livro de Amós ocorreram inserções de natureza literária apocalíptica. Como pudemos observar, as inserções não possuem caráter amplo. Os motivos apocalípticos foram agrupados a textos proféticos, a camadas literárias judaítas ou a redação deuteronomista. O propósito para tais acréscimos no livro de Amós ainda não está claro, mas acreditamos que possam ter ocorrido com objetivos litúrgicos e, ou, motivados a manter viva a esperança de Israel em YHWH.

## Conclusão

Esta reflexão ainda está no campo da suspeita e da hipótese, porém, demonstramos que há motivos para acreditar e continuar pesquisando sobre a retro-influência apocalíptica nos textos dos profetas clássicos do VIII século a.C. Os textos apresentados neste trabalho, como possuindo características apocalípticas, quer seja um texto embrionariamente apocalíptico, quer seja inserção posterior, precisam ainda ser melhor examinados para que se demonstre de maneira mais acurada nossa hipótese.

Pensamos que, à medida que demonstre eficaz essa pesquisa, abrir-se-ão oportunidades de investigação em outros profetas antigos, já que não temos informações precisas sobre linguagem apocalíptica em profetas como Miquéias, Habacuque, Naum, Sofonias e outros dos chamados doze profetas. As possibilidades são promissoras, pois também nesses profetas são encontrados textos que podem ser de origem apocalíptica.

Já se demonstrou em profundidade a origem apocalíptica de Daniel e de partes de Isaías, Zacarias e Ezequiel. Nas últimas décadas tem aumentado o interesse na busca das influências da apocalíptica no surgimento do cristianismo e de sua literatura. Isto tem comprovado que a apocalíptica teve um alcance maior do que se imaginava. Esse estudo, então, partiu da premissa da abrangência da apocalíptica, ara daí demonstrar seu alcance também nos textos dos profetas Oséias e Amós.

Os capítulos dois e três desse trabalho foram aqueles em que procuramos descrever de que maneira a apocalíptica pode ter influenciado tardiamente os livros dos profetas Oséias e Amós. O capítulo um foi dedicado às definições. Apontamos o que é profecia clássica em relação à forma anterior da profecia, o nebiísmo oral, e, demonstramos a relação entre profecia clássica e apocalíptica, e entre, sabedoria e apocalíptica. As definições foram importantes porque nortearam as argumentações do capítulo três.

No capítulo dois procuramos desenvolver uma teoria sobre as etapas da composição dos livros de Oséias e Amós. Este capítulo nos impôs vários dilemas importantes, uma vez que, não há consenso entre os comentaristas sobre a formação dos livros desses profetas. Foi preciso analisar os textos em busca de

evidências que comprovassem minimamente as várias etapas propostas. Além disso, foi preciso elaborar reflexões históricas para justificar a necessidade do trabalho dos vários redatores até a composição final desses livros. E, assim, procuramos demonstrar a possibilidade de que a apocalíptica tenha aparecido na última etapa da formação dos livros. Por isso, falamos da influência da apocalíptica na formação tardia dos livros dos profetas Oséias e Amós.

O capítulo três, por sua vez, foi dedicado a apresentação e comentário daqueles versículos que acreditamos possuírem linguagem apocalíptica. A grande dificuldade nesse capítulo foi demonstrar as características apocalípticas em cada versículo, uma vez que encontramos motivos apocalípticos sutilmente inseridos no texto. A busca por várias características em cada texto se mostrou inviável, e nos detivemos em investigar poucas ou apenas uma particularidade que pudesse sinalizar a existência do gênero apocalíptico no texto. Demonstramos que nossa suspeita faz total sentido, e que de fato existem textos com nuances apocalípticas nos livros de Oséias e Amós.

Essa pesquisa, no entanto, não encerra a discussão e, nem mesmo, nega a possibilidade de se encontrar outros textos apocalípticos em Oséias e Amós, que porventura não foram detectados no presente trabalho. Antes, essa pesquisa aponta para novas tarefas investigativas em busca, não somente de elucidar ainda mais os textos que foram detectados, mas de encontrar no âmago dos profetas Oséias e Amós outros textos possíveis de descrição apocalíptica. Além disso, como já anteriormente afirmamos, abre-se um leque para se realizar uma ampla arqueologia literária em outros dos doze profetas na tentativa de averiguar a existência de linguagem apocalíptica neles.



## Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.

A BÍBLIA TEB. Tradução do texto em língua portuguesa a partir da Traduction aecuménique de La Bible. São Paulo: Loyola, 2003.

A BÍBLIA. Antigo Testamento Poliglota: Hebraico, grego, português e inglês. São Paulo: Vida Nova/Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

A BÍBLIA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

APÓCRIFOS, os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1992.

APÓCRIFOS III, os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1995.

BRIGHT, John. *História de Israel*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996.

COLLINS, John. *A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.

DA SILVA, Airton José. *O contexto da Obra Histórica Deuteronomista*. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, n. 88, p. 11-27, 2005.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2010. 2 v.

EICHRODT, Walther. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2004.

FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2006.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel, dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento, uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Teológica/Paulus, 2004.

KIDNER, Derek. *A mensagem de Oséias*. 2. ed. São Paulo: ABU, 1993.

KNIERIM, Rolf P. *A interpretação do Antigo Testamento*. São Bernardo do Campo: Editeo, 1990.

NOTH, Martin. *A concepção de História no Apocalipsismo do Antigo Testamento*. In: Apocalipsismo, coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 90, 91.

MOTYER, J. A. *O dia do Leão, a mensagem de Amós*. 2. ed. São Paulo: ABU, 1991.

PREUSS, Horst Dietrich. *Teologia Del Antigo Testamento*. Volumen II: El camino de Israel com Yahvé. Bilbao: Editorial desclée de Brouwer, S.A, 1999.

REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma*. Estudos sobre o monoteísmo hebraico. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009.

\_\_\_\_\_. *Oséias. Juízo, misericórdia, conversão*. Encontros sobre o livro de Oséias. São Leopoldo: Cebi, 2005.

RENDTORFF, Rolf. *A formação do Antigo Testamento*. 8. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas, introducciones y comentário*. Volumen II. Madrid: Cristiandad, 1990.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. Soa Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCHWANTES, Milton. *A Lua Nova devorará as suas Heranças: Observações sobre Oséias 5.1-7*. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, n. 73, 2002.

\_\_\_\_\_. *A terra não pode suportar suas palavras*, reflexão e estudo sobre Amós. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *As monarquias no antigo Israel*, um roteiro de pesquisa histórica e arqueológica. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. *Sufrimento e Esperança no Exílio*. História e teologia do povo de Deus no século VI a. C. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2007.

SHREINER, Josef. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.

SOUSA, Ágabo Borges de. *O Fim do mundo no livro de Daniel: a esperança do novo*. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, n. 59, p. 24-28, 1998.

RAD, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Aste/Targumin, 2006.

ZIMMERLI, Walter. *La ley e los profetas*, para La comprensión del Antiguo Testamento. Salamanca-Espanã: Ségueme, 1980.